Biblioteca Virtualbooks

MARCAS DO PASSADO

Mariza Bandarra

Mariza Leite Bandarra nasceu na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1935. Em 1951 casou-se com o então 2º Tenente Aviador da Força Aérea Brasileira, Mario Alberto Pillar Bandarra. Mãe de três filhos, avó de seis netos e bisavó de três bisnetos.

Criada na religião Católica, iniciou sua busca espiritual ainda adolescente. Procurou os conhecimentos espirituais através da leitura esotérica e no decorrer de sua juventude freqüentou centros espíritas Kardecistas e Umbandistas. E foi na Umbanda Esotérica, em 1980, que começou o seu desenvolvimento mediúnico.

Estudou também a Apometria, técnica de libertação da obsessão, desenvolvida por um psiquiatra espírita de Porto Alegre, Dr. José Lacerda de Azevedo. Por dois anos, freqüentou no Rio de Janeiro, um grupo formado por este, adquirindo tais conhecimentos.

Mas foi a partir de 1986, sob a orientação de Vovó Maria Baiana, entidade que muito a ajudou, que ela principiou a psicografar. Manifestou-se então o seu Mestre Oriental, preparando-a para o trabalho espiritualista, despertando o seu desenvolvimento mediúnico.

Desde 1987, quando um grupo foi formado, ela preside esse trabalho. Em 1990, mudando-se para a cidade de Cruz Alta no Rio Grande do Sul, continuou se dedicando a esse mesmo trabalho, formando e dirigindo um novo grupo.

Sem ser filiada a Federação Espírita, numa linha espiritual independente, a Casa do Amor Universal, sob a coordenação do Mestre Oriental e com o auxílio da Corrente da Luz de Jesus, se dedica a um trabalho de expansão de consciência. Transmitindo palestras, auxiliando a quem necessita de ajuda, despertando a conscientização da Unidade com o Nosso Criador e buscando desenvolver a Energia do Amor Cósmico, o grupo de médiuns se reúne três noites por semana, num atendimento ao público.

Em 1999, Mariza passou a escrever os livros que hoje apresenta, sob inspiração de seu Mestre, através da intuição. Baseados nas experiências por ela mesma vividas e de outras pessoas amigas ou conhecidas, a autora espera conseguir com estes livros, através da Internet, atingir seu objetivo: Ajudar no despertar de consciência daqueles que estão em busca de uma maior compreensão da Vida Eterna.

Tendo que retornar ao Rio de Janeiro em 2001, fixou novamente residência nessa cidade. Mas o grupo mediúnico da Casa do Amor Universal continuou, em Cruz Alta, o trabalho espiritual do despertar da consciência.

Aqui no Rio a autora filiou-se a editora virtual Hotbook, colocando seus livros gratuitamente, através do site www.hotbook.com.br – item espiritualidade, onde tem conquistado um grande número de leitores.

E-mail: mmband@rjnet.com.br

MARCAS DO PASSADO

A autora mais uma vez nos surpreende com uma estória interessante e envolvente.

Estabelece com maestria o diálogo entre seus personagens. Deixa-nos intrigado com os acontecimentos que se sucedem dando lugar a uma interrogação: Como justificar tantas "coincidências" que se encaixam de maneira perfeita nas suas vidas ?

Sem fazer proselitismo, leva-nos pelo raciocínio lógico a admitir que os problemas e as circunstâncias que os envolvem só poderiam justificar-se se admitindo serem apenas a continuação de fatos anteriores que transcendem sua atual existência.

As correntes de opinião defendidas por personagens de nível universitário e de alto gabarito são abordadas de maneira real e convincente.

A estória nos envolve e sem querer vemo-nos logo, logo, envolvidos nessa discussão e tentados a emitir nossa opinião. O que veio antes, a Ciência ou a Fé ?

De minha parte estou convencido de que aquilo que a Ciência admite e comprova é decorrência de um ato de Fé. Não fora a Fé a inspiradora dos pesquisadores cientistas jamais eles teriam atingido seus objetivos. A Fé é, portanto a propulsora das grandes descobertas.

Com muita propriedade a autora cita neste livro a frase de Shirley Mac Laine contida no seu livro "Minhas Vidas" que resumida nos diz que os cientistas um dia chegarão ao alto da Montanha e lá serão aplaudidos por aqueles que pela Fé ali chegaram antes.

Afinal não tenho a menor dúvida de que a Fé é a força propulsora das descobertas científicas...

Não quero alongar-me. Creio que a leitura dessa obra enriquecerá nosso raciocínio auxiliando-nos também talvez a novas descobertas.

Mario Alberto Pillar Bandarra

“Que a Luz de Jesus
ilumine nossos espíritos,
clareando nossas mentes,
expandindo nossas consciências
para uma compreensão maior da
Vida Única, Eterna...

Louvado seja Deus Nosso Criador e

Louvado seja Jesus Nosso Mestre Divino!”

Li-Cheng

AGRADECIMENTO

A DEUS, Nosso Criador, pela VIDA!...

A Jesus Divino Mestre... por Seu Amor e Sua Luz que iluminam e orientam a nossa difícil jornada evolutiva na matéria, através de inúmeras vivências neste planeta-escola... A nossa Terra.

A Maria Nossa Mãe, que nos protege com Seu Amor maternal... E a Espiritualidade de Luz que nos assiste.

Ao meu Mestre Li-Cheng, por seus ensinamentos, paciência e orientação, deixando-me servir como instrumento da Corrente da Luz de Jesus, sob sua coordenação... E a todas as Entidades que compõem essa Corrente de auxílio aos irmãos necessitados.

À minha família e aos irmãos participantes do grupo mediúnico da Casa do Amor Universal, pelo apoio e incentivo...

“Sendo Deus a essência da Vida

é também o descanso na morte...

Não há vida sem volta e não há volta sem vida...

A morte não é morte, é só a porta da vida.”

Mensagem enviada através da Internet por uma irmã de fé

Rita Pando

MARCAS DO PASSADO

Em uma viela deserta, mal iluminada pela luz bruxuleante dos lampiões à gás, segue a passos lentos e cautelosos, um homem de porte nobre, envolto em pesada capa. O chapéu de feltro negro, usado com esmero e fidalguia, não impedia que lhe escapassem sorrateiramente algumas mechas de cabelo louro-avermelhadas, que se ondulavam por sobre a nuca. O seu caminhar compassado, era o único que se fazia ouvir por sobre as pedras irregulares, no grande silêncio da noite. Acompanhando-o, somente o denso nevoeiro, que reduzia as chamas dos lampiões a pequeninos pontos esparsos de luz, aqui e acolá. A semi-escuridão envolvia a cidade adormecida.

Eis que repentinamente, como do nada, oculto pela espessa bruma, surge o vulto de um jovem burguês, com uma pistola na mão. Tomado de surpresa, o nobre não tem tempo de esboçar nenhuma reação e sob o impacto de um tiro certeiro, soltando um lancinante grito de dor, tomba sobre a sarjeta. Da ferida aberta em seu peito, começa a brotar um rio vermelho de sangue que vai misturando-se ao barro sujo, acumulado sobre o calçamento...

Aiii...! - suando frio, ofegante ainda, Leopoldo sente no peito uma dor intensa. Num gesto automático, leva a mão no abajur ao lado da cama e acende a luz. Aturdido, senta-se, sentindo o acelerar do coração. Verifica, em seguida, rapidamente, que era o sonho, novamente o sonho, sempre o sonho... que se repetia. Procura se acalmar.

- Que aconteceu, Léo...? – assustada, sua mulher Joan, se acorda com o procedimento do marido. – Tu estás bem ?!

- *Hum-hum*... Foi o sonho novamente. Não te preocupes. Estou bem, apenas um pouco cansado. É sempre assim.

- De novo, o pesadelo outra vez...?

- Sim... - respondeu ele, ainda respirando com dificuldade - Mas desta vez, finalmente vi quem me baleava. Era um jovem... Pena que a cena era um pouco confusa... Atirou em mim à queima-roupa. Senti uma dor horrível ! Era como se meu peito estivesse explodindo... Foi tão real que me acordei com aquela sensação. Estranho... Muito estranho...

- Como era o rosto dele ? Deu para ver ?!

- Engraçado... Eu o vi, mas não percebi suas feições. Apenas senti seu olhar. E havia tamanho ódio nele, Jô, que me assusto só em pensar... Vê... Estou com taquicardia até agora! O que me intriga, é que não consigo compreender o porquê desses sonhos!...

Joan suspira longamente. Levanta-se da cama em direção à grande cômoda antiga, do outro lado do quarto, na parede oposta à cama. Em uma bandeja de prata, pega um dos copos e despeja água gelada da garrafa térmica. Abrindo uma das gavetas, procura um envelope de comprimidos.

Leopoldo observa-a pensativo. Agora mais calmo, sente-se um tanto ridículo por se deixar assustar desse jeito, com um pesadelo... Imagina se ela estaria comparando-o a um grande menino tolo e isso o deixa desconfortável. Joan é ainda uma mulher atraente, apesar do passar dos anos. Não parece estar perto de completar 47 anos. Seus cabelos escuros, fartos, contrastam com a pele acetinada de seu rosto. O corpo esbelto, com seios firmes e pequenos, delineia-se sob a fina camisola, deixando-se adivinhar as formas quase perfeitas. Seus gestos calmos, porém decididos, demonstram a sua firmeza de caráter. Ele deveria controlar-se mais...

- Léo, acho que tu deverias tirar uns dias de férias. Sinto que andas cansado ultimamente... Toma este calmante que vai te fazer bem. – deitando-se novamente ao seu lado, continuou: - Eu não entendo muito bem dessa estória sobre fenômenos paranormais, mas ouço dizer que existem sonhos chamados premonitórios... Dizem que eles nos avisam de algo que está para nos acontecer... Vê bem... Há várias noites que tu vens sonhando este mesmo sonho. Será que isto não seria um aviso para que tu percebesses a traição de que foste vítima ...? Que te parece?

- É... Acho que podes ter razão... - concorda ele após tomar o remédio - Eu tinha certeza de que seria o novo chefe da equipe! Aliás, todos também pensavam assim!... É... Realmente fui traído!!!

- Claro que foste! Depois desses dois anos como assistente do Santelmo, o certo mesmo seria tu assumires o lugar dele. Não foi justo convidarem um médico de fora! E além do mais, não era a ti que o grupo queria ?!

- Pelo menos era o que todos diziam...

Novamente alterado, Leopoldo se levanta. Anda pelo quarto e, com o cenho carregado, volta-se para a mulher: - Pensando bem, este sonho faz sentido. Talvez seja mesmo um aviso. É... Hoje, logo hoje, que fiquei sabendo do convite ao colega de São Paulo, o sonho se repetiu. E de uma maneira um pouco mais esclarecedora... Pude ver quem me baleava. Apesar de não ter conseguido distinguir suas feições, vi os seus olhos... O olhar de ódio...

Num relance vem à mente, toda a cena vivida no sonho e um arrepio gelado, percorre sua coluna. Sente-se outra vez amedrontado.

- E o pior, querida, é que eu morria caído na sarjeta... Qual será o significado disso tudo...? Será que terei mais alguma surpresa desagradável...?

Joan sente um aperto no coração, mas procurando disfarçar o mesmo receio do marido, procura acalmá-lo: - Ora, Léo, não vamos ser pessimistas... Como eu disse, não entendo dessas coisas. Afinal, sonho é sonho... Tu estás sob estresse, o que é natural nessas circunstâncias. É isso o que está ocorrendo contigo. A mente estressada cria fantasias e além do mais, quem sabe...? Pode ser até que o tal médico não aceite o convite. Nem sabemos ainda quem ele é!... Vem, vamos

dormir... Procura te acalmar e não pensar mais no assunto. Amanhã saberemos de tudo!

Leopoldo, sentindo-se mais tranqüilo e reconfortado pelas palavras da mulher, deita-se e apaga a luz. Puxando-a para si, beija-a no rosto:

- Tu tens sempre razão. E sabes o que mais...? Te amo!

Leopoldo Ramos Scheiner é médico-cirurgião, bem conceituado e conhecido em Porto Alegre. Excelente profissional, tem ótima clínica e faz parte da equipe de transplantes cardíacos, em um dos maiores hospitais da cidade.

Descendente de imigrantes alemães, herdou o tipo germânico, alto, louro, de pele bem clara. Charmoso nos seus 51 anos de idade, não chega a ser bonito, porém possui grande simpatia.

Ele ainda cursava o último ano de faculdade, na PUC de Porto Alegre, quando conheceu Joan. Apaixonaram-se imediatamente.

Ela nasceu na Inglaterra. Veio para o Brasil aos 3 anos de idade, quando seu pai, John Hartley, aqui chegou para implantar uma grande indústria de artefatos plásticos, em Novo Hamburgo. Cursava o 2° ano de Odontologia, quando começou a namorar Leopoldo. Logo após sua formatura, eles se casaram.

Apesar de ser pouco mais de sete horas da manhã, o barulho crescente do tráfego de automóveis já se fazia ouvir no décimo-sexto andar do edifício, onde moram Joan e Leopoldo. É uma bela e confortável cobertura.

A decoração, tipicamente inglesa, torna aconchegante a sala de almoço onde está servido o desjejum. Pela ampla janela aberta a claridade matinal penetra, prenunciando um dia ensolarado e quente.

Joan está tomando calmamente o seu café da manhã, enquanto Leopoldo, muito agitado, fala ininterruptamente sem nem ao menos se servir.

- Sabe, Jô, quanto mais eu penso na minha situação, mais revoltado eu fico! Não é possível!...Com toda a minha experiência adquirida em todos esses anos na minha clínica... E, diga-se de passagem, poucos colegas têm uma clientela tão vasta quanto a minha!... Os vários congressos de que participei aqui no Brasil e no exterior... Os cursos que realizei. Isso sem falar na pós-graduação na Inglaterra! Não é qualquer um que tem quatro anos de residência no “Saint Joseph’s Hospital of London”!!!... Afinal, sou um cirurgião de alto gabarito!... Como pode o Maciel não levar em conta o meu currículo...?!

- Tens razão, Léo...Concordo contigo, mas de nada adianta te angustiares assim!... É melhor tomares o café antes que esfrie. Já está ficando tarde...

- Eu não consigo me conformar, querida... É muito difícil aceitar ser preterido em favor de um colega estranho à equipe!... Só porque ele faz parte do corpo médico do Hospital Einstein...?! É demais!!!

- Também considero isto um absurdo e me sinto ofendida e magoada por ti!... Mas hoje, na reunião com a diretoria do hospital, vais ficar sabendo dos motivos que levaram o Dr. Maciel a tomar tal atitude... Com certeza deve haver algum interesse do hospital por trás disso tudo!

- Pode ser... Talvez... É... Não adianta mesmo ficar remoendo este assunto antes da reunião. Fazer o quê...?! O negócio é aguardar os acontecimentos...

Leopoldo começa a se servir do café, absorto, com a expressão de quem está pensando longe... Aos poucos, seu rosto vai se desanuviando e um sorriso brota em seus lábios. Olha com carinho para a mulher, relembrando: - Falar na pós-graduação, me fez recordar aquela época...Há tempos que não pensava nisso... Bons tempos aqueles, *hein*, querida? Lembras...?

- Como esquecer...? – num afago amoroso, segura a mão do marido: - Foi tudo tão bom para nós!... Tu trabalhavas que nem um condenado naquele hospital e eu me sentia um peixe fora d’água na casa da tia Jane. Nossa... Como ela era formal! Nem parecia irmã do pai. Mas valeu a pena o quanto aprendemos e aproveitamos!... E as nossas escapadas, para nos amarmos livres e soltos...? Era uma delícia!

- Eu aguardava com ansiedade por aqueles momentos! Éramos tão jovens! Tecíamos tantos planos... Se não fosse a gravidez da Danielle, poderíamos ter ficado mais algum tempo por lá... Ou talvez nos radicarmos mesmo na Inglaterra.

- Mas agimos certo... Precisávamos retornar ao Brasil... Não fazia sentido nossa filha nascer longe da família...Crescer sem o convívio dos avós. Isso é tão importante...

- É verdade... Foi salutar este convívio... A ligação que ela tem com a minha mãe então, é incrível ! Como se adoram !...

- Realmente é tão forte que muitas vezes cheguei a sentir ciúmes...

Neste momento o telefone toca, interrompendo a conversa. Joan se apressa a atender.

- Alô!... Querida, que bom ouvir a tua voz logo cedo!... Coincidência... Estávamos falando agora mesmo em ti! – faz uma pausa, escutando a filha do outro lado da linha – Vem passar o *feriadão* conosco...? Que ótimo! – mas após outra pausa, pergunta preocupada: - É algum problema sério ?! – logo depois, aliviada, continua – Ah, então está bem! Podes deixar... Falo com teu pai... Um beijo bem grande!... *Tchau*, querida!

Leopoldo, que prestara atenção à conversa, antes mesmo de Joan retornar à mesa, pergunta ansioso entre preocupado e magoado: - O que foi...? Aconteceu algo?! E por que ela não quis falar comigo?!

- Nada demais... Estava com pressa. Apenas quis nos avisar de que vai poder passar o *feriadão* aqui. – e procurando manter naturalidade, toma um gole do café, continuando: - Além de matar as saudades, quer conversar conosco sobre uma decisão que pretende tomar.

- Mas não poderia falar comigo...? Pelo menos para me dar um beijo ?!

- Que tolice, Léo... Ela te mandou um beijo! Estava com pressa, já disse! O ônibus da faculdade ia chegar em seguida!... Eu não consigo entender vocês dois! Amam-se, mas estão sempre de pé atrás, um com o outro! Será que algum dia irão se entender...?

- Jô, tu estás sendo injusta comigo! Sabes muito bem que a vida inteira tenho procurado ser um pai perfeito para ela!... A Danielle é que tem birra comigo! Sinceramente não sei o que fiz para provocar tal situação...

- Ora, Léo... Tu exageras!

- Eu exagero...?! Vais me dizer agora que é certo ela querer estudar medicina, numa faculdade bem longe de mim ?! Eu... Seu pai... Médico competente que poderia orientá-la, auxiliá-la, em suas dificuldades... Colocar oitocentos quilômetros entre nós!... Por quê ?!

- Porque deseja abrir seu próprio caminho... Quer mostrar a ti e a ela mesma, do que é capaz! Tu não consegues compreender isto ?! Eu entendo... Porque também não gostaria de ter feito a faculdade de *odonto* e formado minha clínica à sombra de meu pai, caso ele fosse um dentista de renome!

- Talvez seja assim... Pode ser... Mas omitir o meu nome...? Tirar o Scheiner ?! Precisava fazer isso para se afirmar ???

- Querido... Ela não tirou o teu nome! O Ramos também é teu... De tua mãe!...

- Mas eu sou conhecido como Dr. Scheiner!!! – insiste ele, mergulhado em grande tristeza, deixando transparecer a profunda mágoa que sente a respeito desse fato.

Joan, não querendo alimentar tais sentimentos e nem demonstrar a pena que também sente com esta atitude da filha, argumenta um tanto impaciente: - Por Deus, Léo!... Pára com esta mágoa tola!... Quando registramos o nome dela, conservando o Ramos entre o Hartley e o Scheiner, não foi com a intenção de que constasse em seu sobrenome, um nome também brasileiro ?! Então... Ela optou por ser conhecida como Danielle Ramos, entre os colegas e os professores da faculdade. Que mal há nisso ?!

Leopoldo olha pensativo para longe, analisando seus sentimentos. Após alguns instantes, soltando um longo suspiro, fala mais calmo: - Pensando bem, é uma bobagem mesmo!... Puro ciúme... Mágoa sem razão! Preciso me esforçar para compreendê-la melhor... Adoro a nossa filha! O que importa é que ela seja feliz!

- Agora falaste bem! – diz Joan sorrindo.

Tendo terminado seu desjejum, ela se levanta. Abraçando o marido por trás da cadeira, inclina o rosto beijando-o carinhosamente sobre a testa e tentando parecer tranqüila, continua: - Eu sei o grande amor que sentes por ela!... Portanto, vá te preparando nesses próximos dez dias, para um *round* difícil...

Tomado de surpresa, Leopoldo vira-se rapidamente para ela, já com olhar de grande preocupação: - O que queres dizer com isso...?! O que me espera ?!

- É que o namorado dela encontra-se aqui em Porto Alegre e quer nos conhecer... Pretendem se casar em breve!

- O quê...?! Só com seis meses de namoro ?! É ainda muito nova, não completou nem dezenove anos!!! E a faculdade...? O seu futuro profissional ?!

- Pois é... Também acho uma precipitação! E o pior, é que ele é um tanto mais velho que ela... É um de seus professores da faculdade!

- Quando soubeste disso...? Agora ?!

- Não... Ela me escreveu semana passada...

- E por que não me contaste antes ?!

- Não contei, para não antecipar uma discussão inevitável... Vamos precisar de muita calma, querido... Aliás, não deveria ter contado agora... Não é o momento oportuno...

Pressentindo uma situação difícil, ele esfrega as mãos num gesto tenso, procurando se controlar, porém a voz alterada denuncia seu nervosismo: - Está grávida...?! O que está me escondendo, Joan...? Conta de uma vez... É melhor ficar sabendo logo de tudo!!!

Ela caminha alguns passos ao redor da mesa, para que o marido não perceba a tristeza que está sentindo. Parando frente a ele, procura demonstrar uma naturalidade que está longe da verdade, falando ligeiro: - Não, não está grávida... O caso é que ele é viúvo, tem dois filhos gêmeos de l7 anos e a idade dele regula com a tua...

- O quê...??? – Leopoldo olha atônito para a mulher. O rosto fica vermelho e por alguns instantes permanece calado, como se não estivesse entendendo bem o que acabara de ouvir. De repente, indignado, levanta-se da cadeira, quase gritando, atirando o guardanapo sobre a mesa: - Ela ficou louca...?! Não vou admitir isso!!! Jogar fora sua mocidade com um homem trinta anos mais velho...?! Não!!! Isto nunca, nunca!!!

- Querido, te acalma... Também não é uma desgraça! Além do mais, temos mais de uma semana para pensarmos no assunto... Vamos dar tempo ao tempo!... O que Danielle está sentindo agora, deve ser uma paixão passageira... Entusiasmo pelo charme de um homem maduro! Depois que conversarmos com ela, com calma e ponderação, vai tirar essa idéia da cabeça! – e se aproximando do marido, abraça-o, buscando um consolo mútuo.

- Assim espero... Mas é duro de agüentar!... É uma paulada atrás da outra! Preciso mesmo de me acalmar, para agir corretamente...– e afagando com carinho os sedosos cabelos de Joan, solta um profundo suspiro: - Bem... Tenho que resolver agora o problema no Hospital!... Vou me vestir, não quero chegar atrasado!

Na espaçosa sala da Diretoria, toda a equipe médica de transplantes está reunida, faltando apenas o novo cirurgião-chefe.

Dr. Maciel, o diretor do hospital, um senhor calvo e gordo beirando os 75 anos, está dando uma satisfação ao grupo, quanto à nomeação do substituto do Dr. Santelmo.

- A Diretoria não teve a intenção de preterir, muito menos desconsiderar os distintos colegas, ao convidar Gustavo Barbosa, do corpo médico do Hospital Einstein, para assumir a chefia desta nossa equipe... Bem sabemos que todos desejavam e esperavam que este cargo fosse ocupado pelo nosso querido e competente Scheiner. Também era nosso desejo, porém...

Leopoldo leva um susto ao ouvir o nome do substituto. Mais revoltado ainda, não se contém e interrompe a fala do Diretor: - Desculpa interromper, Dr. Maciel... Mas está se referindo ao gaúcho Gustavo Barbosa, que se formou aqui, na PUC de Porto Alegre ?!

- Exatamente, Scheiner... Foi teu contemporâneo e fez pós-graduação semelhante à tua, porém na França. Tu lembras dele...?

- Claro... Lembro-me bem dele! Fomos colegas... – sufocando com enorme esforço a frustração que está sentindo, procura se mostrar superior e indiferente. Controlando a voz, mente: - Será uma boa aquisição para o hospital!

- Fico satisfeito com a compreensão, Scheiner... A intenção da Diretoria, foi exatamente estabelecer um vínculo entre a nossa equipe e a do Einstein. A coincidência de ambos terem sido colegas de faculdade, certamente facilitará um maior entrosamento entre os componentes da equipe...

Enquanto o diretor falava, Leopoldo esforçando-se para abafar a revolta que está sufocando-o, pensa angustiado: "Compreensão coisa nenhuma!... Mágoa, revolta, raiva, isso sim! Jamais esperei tamanha traição!...Tudo combinado nas minhas costas!... Meu Deus!... E ainda mais, com tanto médico neste país, convidarem justamente um desafeto meu, dos tempos da juventude, para ser meu chefe!!! É muito azar!!! Ter o Gustavo ocupando o lugar que eu tanto queria..."

Plátanos frondosos, cinamomos de copas generosas, sombreiam a grama verde e os caminhos já iluminados pela luz brilhante do sol nascente. As azaléas floridas e as multicoloridas zínias, dão um toque de beleza e alegria ao muito bem tratado jardim, que adorna o condomínio composto de três majestosos prédios. É um conjunto de luxo, situado na parte moderna da cidade, às margens do Guaíba...

Ainda é cedo... Poucas pessoas circulam pelo jardim, nesta preguiçosa manhã de domingo... Sentados num banco próximo à grande piscina de água límpida, Leopoldo e Joan apreciam dois aficionados tenistas numa calorosa partida, enquanto umas poucas crianças, com sua natural alegria, vão dando vida ao bonito *playground*.

- Foi uma boa idéia tua, de descermos um pouco... Faz tempo que não aproveitamos este jardim tão bonito... E hoje, eu não estou mesmo disposto a me encontrar com ninguém lá no clube! Sinto-me muito derrubado, Jô...

- Eu senti isso, querido... Daí a idéia de ficarmos um pouco por aqui – ela respira fundo, aspirando o ar fresco - Aproveitar esta manhã gostosa, admirando toda essa beleza, me faz bem.

- É verdade... Faz bem mesmo!... – ele fica calado por alguns instantes, pensativo. Hesita um pouco antes de voltar a falar: - Eu não pretendia tocar mais neste assunto, Jô... Mas tive novamente aquele sonho louco!...

- E por que não me contaste...? Por isso te ouvi suspirar, virando agitado na cama, no meio da noite... O que foi ?! Conta!

- Um pouco diferente das outras vezes...Não foi mais o sonho inteiro... Apenas alguns *flashes*...Sem sentir o impacto do tiro, nem do meu corpo caindo ao chão... Nem dor alguma. Fui um simples espectador, como se estivesse assistindo a um filme. Estranho e interessante ao mesmo tempo!... Mas tenho medo de estar enlouquecendo, Jô... Por isso não quis te contar nada...

- Tolice, Léo... Tu deves estar estressado, isso sim! O que é compreensível... Perder a chefia da equipe e, além disso, para o Gustavo, é demais!.. Não pelo fato de ser ele, mas por vocês dois serem do mesmo nível de competência... É de frustrar mesmo! Se fosse um *cobrão* internacional, ainda se entenderia... Mas, *par-a-par*, é difícil de engolir!!! Estou indignada com tudo isso!!!

- Obrigado, querida... Teu apoio é muito importante para mim!...- e sorrindo, segura com carinho a mão dela.

Ambos permanecem calados, com as mãos entrelaçadas. Leopoldo se perde em pensamentos e Joan se distrai apreciando o bailado das borboletas amarelas, por sobre as múltiplas flores coloridas... É retirada de seu devaneio, quando o marido repentinamente enlaça-a pelos ombros, soltando uma risada maliciosa.

- O que deu em ti, querido...? Do que estás rindo ?!

- É que pensando melhor... Eu mereço! Há vinte e cinco anos atrás, roubei a namorada de infância dele... Agora ele rouba o meu lugar. Estamos quites!!! E ainda com uma desvantagem para ele, pois o meu roubo foi mais valioso!... – e beija-a no rosto, amorosamente.

- Ora, Léo... Tu achas que o Gustavo guardou rancor todos esses anos, por eu ter terminado o namoro com ele, para me casar contigo...?! Tolice! Afinal, ele também se casou tempos depois... Deve ter tido filhos... Ele não comentou nada sobre a família, no encontro de ontem...?!

- Falou sim... Mas a raiva que eu estava sentindo era tão sufocante, que até esqueci de te contar!

- Então conta agora... Estou curiosa!

- Pois até fiquei com pena dele... Coitado! O motivo que o levou a aceitar o convite do Maciel, foi a oportunidade de mudar radicalmente de vida. Deixando para trás o hospital, sua cátedra na faculdade de medicina... Enfim, largando tudo para retornar às suas origens.

- E a mulher dele concordou com isso...?!

- Bem... Aí está o motivo. Ele enviuvou há poucos anos e seus dois filhos adolescentes ingressaram este ano na AMAN, a academia do Exército... Agora ele está pretendendo refazer a sua vida.

À medida que ele falava, Joan foi ficando pálida e, atônita, olha para Leopoldo. Sente um aperto no coração e um estranho pressentimento deixa-a

amedrontada: - Léo... Querido... Não percebes a coincidência...?! Se for o que eu estou pensando... Meu Deus, estou com medo!!!

- Coincidência...? Medo de quê, Jô...?! Do que estás falando ?!

- Do namorado da Danielle!!! Ele se encontra aqui no Sul... É viúvo, tem dois filhos adolescentes... E é catedrático de Medicina!.. Não percebes ?! Estou apavorada, Léo... Apavorada!!!

- Minha nossa!!! Será possível...?! Se não for coincidência, dessa vez enlouqueço!!! - e novamente sente o gélido arrepio a subir pelas costas, deixando-o com taquicardia.

- Querido, vamos subir rápido!... Vou telefonar agora mesmo para ela! Quero saber o nome completo do seu namorado... Ela sempre se referiu a ele como Gus!...

Extremamente nervosos, ambos levantam-se ligeiro do banco, andando às pressas em direção à portaria do prédio onde moram.

Com as cortinas cerradas, a espaçosa sala de estar, muito bem decorada, ainda está na penumbra, tornando o ambiente ainda mais melancólico.

Atirado sobre uma poltrona, com os olhos fechados e a mão sobre a testa vincada, Leopoldo está mergulhado em profunda tristeza. A seu lado, Joan recostada no sofá, firma o rosto com a mão sobre o espaldar do mesmo. Lágrimas escorrem mansamente de seus olhos tristes. Ambos estão abalados e preocupados.

- Nunca pensei em passar por tal situação... – ela fala, enxugando as lágrimas, com o olhar perdido ao longe.

- Que cilada o destino está nos pregando!... Inacreditável o que está acontecendo... Inacreditável!!! Não sei como vou conseguir encarar o Gustavo amanhã, no hospital!... Juro que não sei... De que jeito ?!

- Não sei... Sinceramente não sei...

- Ainda por cima, este transplante de coração marcado para as nove horas... *Droga*!!! Preciso ter serenidade para auxiliá-lo!... – a angústia torna a dominá-lo - Não sei o que fazer, nem como agir em relação a Danielle... Fazer o quê, Jô...? Fazer o quê ?!

Joan procura reagir. Levanta e começa a andar pela sala. Aos poucos vai recuperando sua fleuma inglesa e quando se dirige ao marido, sua voz já está firma e decidida: - Mas... Também não é o fim do mundo! Vamos reagir, querido!... Só para a morte é que não há solução! Encontraremos a atitude mais acertada! - e mais animada, vai abrir as cortinas, deixando entrar a luz do sol - Vamos clarear este ambiente! Vamos dar a volta por cima!!!

A claridade inunda a sala, dissolvendo a melancolia. O calor do sol envolve Leopoldo, deixando-o mais otimista.

- É isso mesmo, querida!... Precisamos ter a cabeça fria, para não cometermos erros.

- Claro!... Amanhã vai ser um dia estressante... O primeiro transplante com o Gustavo. Tu precisas recobrar a tua habitual segurança!... Tranqüilo, seguro de si... Com as mãos bem firmes como sempre!... Que tal uma sauna agora para relaxar...?

- Hum... Bem lembrado! Sauna... Ótimo! Sol e piscina também. Vamos lá!...

- Mais tarde almoço num lugar agradável... E um cineminha depois! Estão passando bons filmes no *shopping*. Que tal...?

- Excelente idéia! Então querida, vamos logo para o terraço aproveitar este sol gostoso!...

Juntando a palavra à ação, ele se levanta. Abraçando a mulher, caminham os dois em direção à escada que leva ao terraço da cobertura.

Os médicos estão reunidos na ante-sala do centro cirúrgico. Preparam-se para a cirurgia. O ambiente não é dos mais agradáveis, há um certo constrangimento entre os componentes da equipe. Sentindo isto, Gustavo procura ser amável e descontraído.

- Colegas... Antes de darmos início ao nosso primeiro transplante juntos, quero dizer a vocês o quanto me sinto feliz por estar aqui. É uma honra chefiar esta equipe, uma das melhores do país... E a satisfação de estar de volta à minha terra... À nossa terra, após tantos anos de ausência. - e abrindo um largo sorriso, demonstra sincera alegria - Unidos, iremos vencer muitas batalhas contra a morte!... Vamos colegas, ou melhor... amigos, o paciente nos espera!

A simpatia de Gustavo dissolve a tensão geral e mais descontraídos e animados, todos se dirigem para a sala de cirurgia. Menos Leopoldo que enquanto segue ao seu lado tentando esconder a profunda aversão que sente por ele, pensa angustiado: "Não consigo aceitar a idéia de ter este cara como genro!... É terrível para mim!!!"

A equipe se posiciona em seus lugares, ao redor da mesa cirúrgica. O paciente vai sendo anestesiado. Tão logo a anestesia surte efeito, Leopoldo se prepara para fazer a incisão. Antes de apoiar o bisturi no peito deste, olha para Gustavo à sua frente. Com a máscara protetora, ele tem apenas os olhos à mostra. Leopoldo ao fitá-los, sofre um impacto! Tomado de aflição, pensa aturdido: "Meu Deus... O que é isso?! São os mesmos olhos do meu assassino no sonho!!! Não é possível!... Estou louco!!!" - e aprofundando mais o olhar, fica apavorado - "É o mesmo olhar de ódio!!!"

Leopoldo empalidece. Um suor frio começa a brotar em sua testa e com as mãos trêmulas entrega o bisturi para o colega ao lado que, surpreso, não sabe o que dizer. Toda a equipe olha para ele com espanto. Preocupado, Gustavo pergunta:

- O que está sentindo, Scheiner...? O que foi ?!

Procurando se controlar Leopoldo tenta responder, porém, com o coração disparado a respiração fica difícil e a voz sai entrecortada: - Não sei... Acho...

Entretanto, neste momento, uma forte dor no peito faz com que ele se curve, começando a cair... As duas enfermeiras que se encontram a seu lado, prontamente amparam-no. Suas pálpebras tremem, pestanejando ligeiro. Os olhos giram, mostrando os globos brancos.

Gustavo ligeiro e com pleno domínio sobre a insólita situação, ordena ao anestesista que cuide do paciente juntamente com o outro assistente. Ajudando as enfermeiras, dita as ordens: - Providenciem urgente um Esordil e o coloquem sob a língua dele... Vamos deitá-lo na maca! Tudo indica um início de infarto!!!

Inesperadamente Leopoldo começa a se recuperar. Os olhos voltam ao normal, o tremor cessa e a respiração retoma seu ritmo correto, assim como a pulsação. E sem ter tomado ainda qualquer medicamento... Gustavo olha espantado para ele que, totalmente refeito, fala encabulado:

- Passou, Gustavo... Podes me deixar que estou me sentindo bem, mesmo... Não sei o que se passou comigo... Isto nunca me aconteceu antes!...

- Aparentemente está bem... Mas deve fazer um *eletro* imediatamente!

- Tens razão... Muito obrigado e desculpa o transtorno! Vou procurar o Aníbal!... – e sorrindo muito constrangido, agradece as enfermeiras e tenta descer da maca, no que é impedido por Gustavo.

- Nada disso! A Elenice vai levá-lo na maca até lá... Agora você é meu paciente! Faz logo o *eletro* que depois da cirurgia vou examiná-lo a fundo! – e batendo de leve em seu ombro, sorri com simpatia: - Que susto, colega!!!

Sentindo-se humilhado e angustiado, Leopoldo sai do bloco cirúrgico na maca, em direção à sala de exames, enquanto Gustavo retorna ao paciente, reorganizando a equipe que estava à sua espera.

A intensa claridade do sol da tarde é esmaecida pelas leves cortinas de fino tergal, que adornam a janela da bela suíte do casal, deixando o ambiente mergulhado em tênue luminosidade.

Recostado na cama, com a fisionomia denunciando grande abatimento, Leopoldo conversa com Joan que, sentada na poltrona à sua frente, observa-o entre triste e preocupada.

- Que perturbação eu causei para todos... Estou deprimido com isso!. Mas sinceramente não entendo o que me aconteceu!... Por mais que eu pense, não encontro explicação plausível!... E teus clientes, Jô?! Devem estar te aguardando!...

- Não te preocupes, querido... Desmarquei todas as consultas de hoje. Felizmente não havia nenhuma emergência... Achas que eu iria te deixar sozinho, agora...?! Não mesmo!... O Gustavo me contou tudo... Ele quer vir hoje à noite conversar contigo, está preocupado.

- Mas eu prefiro que ele não venha! Inventa uma desculpa qualquer, tá...?!

- Por quê ?! Se ele te atendeu tão bem, por quê...?!

- Eu sei... Ele foi muito atencioso comigo, mas não quero conversar com ele por enquanto.

- Mas, Léo... Qual a razão...?!

- Porque o que aconteceu comigo, Jô, foi muito estranho!... Vou te contar tudo!... – suspirando profundamente, aflito, torcendo as mãos num tique nervoso, inicia: - Quando eu peguei o bisturi para fazer a incisão no paciente, olhei para o Gustavo. E aí... Então... Não sei como explicar... Seus olhos eram iguais, os mesmos... Exatamente iguais aos do rapaz do meu pesadelo! Levei um choque!... Aprofundei meu olhar e me apavorei!... Reconheci o olhar de meu assassino... Cheio de ódio! Como explicar uma coisa dessas...?!!! Por mais que eu analise, não consigo compreender o que se passou... Tu consegues entender...?!

Joan, estupefata, olha para ele agoniada e incrédula. Visivelmente apreensiva com o seu equilíbrio emocional, fala pensativa: - Não... Não faz sentido algum!... Como o Gustavo poderia estar te olhando com tal ódio...?! É imaginação tua... Só pode ser!

- Eu sei que parece loucura!... Mas afirmo que não imaginei tal coisa!... Só não sei como explicar... Porém, era como se os olhos do assassino surgissem do âmago de Gustavo e se fundissem com os dele... E era tão real, que comecei a me sentir mal. Suando frio, todo o meu corpo tremendo... Entreguei o bisturi e quis me controlar... Dissipar aquela visão. Mas, uma dor intensa explodiu em meu peito e eu comecei a perder as forças!...

- Querido, tu estavas infartando!...

- Aí está a minha maior dúvida... Não entendo!!!

- O quê, Léo... Explica direito o que sentiu! Tem que haver uma razão para tudo isto!...

- Não sei como dizer, Jô... Estava perdendo as forças, mas não os sentidos! Estava caindo e não conseguia impedir... Via e ouvia tudo, perfeitamente consciente!... Não sei como, eu saí do meu corpo! Enxerguei quando caía... e nada podia fazer! Vi me colocarem na maca... Fiquei confuso, assustado! Ouvi o Gustavo pedir o Esordil! Então... Uma luz brilhante, em ondas verde-claro e lilás, envolveu o meu corpo físico que se encontrava deitado e a mim... E de repente, eu estava de volta ao meu corpo!... Lúcido, normal, perfeitamente bem ! Como explicar uma coisa dessas...?! Como...?! Diga, Jô, como isso pode acontecer...???!

- Também não sei o que dizer... Estou pasma!!!

- Tenho medo de estar perdendo a razão... Pois o *eletro* não acusou nada!!! Perfeitamente normal... Em seguida a assumir meu corpo, ou seja lá o que for... Os batimentos cardíacos e a pressão arterial também estavam normais, nada indicando um início de infarto! A respiração tranqüila, como se nada, nada, absolutamente nada, tivesse acontecido!

- É mesmo muito estranho, querido... – imprimindo na voz uma tranqüilidade que está longe de sentir, Joan procura acalmá-lo: - Mas não creio que tu estejas perdendo a razão. Não penses assim!... Deve haver alguma explicação razoável!...

- Tomara, querida... Tomara que estejas certa! Para buscar esta explicação, é que marquei para amanhã uma consulta com o Dr. Mendonça. Receio que tudo não passe de produto de minha mente em desequilíbrio! Acho que só um psiquiatra pode me ajudar... Por isso é que não quero ainda conversar com o Gustavo... Entendes agora...?!

- Está bem, meu amor... Vou inventar qualquer coisa. É melhor mesmo que não converses ainda com ele. Fica tranqüilo... – penalizada, ela se levanta da poltrona indo abraçar o marido. Aconchegando-se a ele, procura esconder a grande aflição e o medo de que está acometida: – Eu te amo! Te amo muito, muito!..

O consultório do Dr. Mendonça está situado no centro de Porto Alegre, em um prédio exclusivo para profissionais da área médica.

Na sala bem montada, de uma simplicidade elegante, Leopoldo, confortavelmente instalado em uma poltrona de couro, vai terminando de narrar os últimos acontecimentos. Sentado à sua frente, o psiquiatra ouve com atenção toda a narrativa.

- E foi exatamente isso o que aconteceu... Estou aturdido, sem conseguir entender o que se passou comigo!... Preciso da tua ajuda, Mendonça!

Observando atentamente seu cliente, ele começa a falar de um modo pausado e tranqüilo: - Bem, Scheiner... Apesar de estar lhe conhecendo pessoalmente apenas agora, já o conhecia de nome. Com um conceito de médico competente e dedicado, que sempre demonstrou perfeito equilíbrio na vida profissional e na familiar... Entretanto... Seu modo de pensar e agir, dentro da linha conservadora da medicina, talvez seja um obstáculo para que você aceite o que vou lhe dizer...

Surpreso, Leopoldo interrompe o psiquiatra: - Como assim...?! O que pode existir fora da verdadeira e única medicina...?!

- A vida, Leopoldo, é um eterno aprender... E o que surge de novo, abre caminhos nem sempre de forma acadêmica! Foi o que aconteceu comigo!... Há quase um ano, através da terapia por hipnose, descobri o *outro lado da vida*... Descobri que vivemos muitas vidas, ao longo da eternidade, como espíritos imortais que somos...

- Tu acreditas nisso...?! Que vivemos muitas vidas...? Isto é uma surpresa para mim!

- Sabia que iria se surpreender... Mas, hoje em dia, acredito sim!... E baseado na experiência adquirida em meu trabalho e em minhas pesquisas, posso lhe afirmar que o fato ocorrido com você, foi uma regressão espontânea a uma vida passada, realizada por sua consciência.

- Explica melhor, por favor... Não entendi bem!

- Algum fato ocorrido recentemente ou um encontro com alguém, ligado a uma outra vida do passado, foi o agente que o fez relembrar fatos daquela existência.

- É difícil de acreditar nisso!... Sempre vivi orientado pela lógica, pelo o que a ciência pode comprovar!... Desculpa, Mendonça, não estou duvidando da tua sinceridade... Apenas é impossível para mim, aceitar tal teoria!

Sorrindo compreensível, este propõe: - Eu compreendo o seu ponto de vista... Também já pensei como você... Entretanto, Scheiner, mesmo não acreditando, se você quiser tentar através da hipnose chegar à vida passada que, a meu ver, está gerando o conflito atual e dissolvê-lo pelo conhecimento e compreensão, poderá retornar ao seu equilíbrio normal.

Durante alguns segundos, em silêncio, Leopoldo olha admirado para ele. Balançando a cabeça, entre céptico e curioso, concorda: - Bem... Se este tratamento inédito para mim, puder me ajudar... Se provar quer não é loucura o que se passa comigo... Que realmente são fatos que a ciência não pode comprovar, mas que existem... Então vale a pena tentar! Confio em ti, Mendonça!

- Sendo assim, vamos começar... Vamos passar para a sala ao lado!

Leopoldo já acomodado em um sofá, sob o comando do psiquiatra, entra num relaxamento profundo. E, através de sua mente, retorna a momentos conflitantes de uma existência passada.

Sob a pérgula florida do terraço da cobertura, Leopoldo e Joan procuram descansar, recostados nas preguiçosas cadeiras, apreciando o final da tarde. A luz do sol poente se refletindo no espelho d'água da pequena piscina, deixa-a colorida de um alaranjado-dourado. O verde das plantas, matizado pelos últimos raios solares, ajuda a compor a beleza deste jardim suspenso.

Abrindo os braços lentamente, como a abraçar o universo, Leopoldo se espreguiça lentamente, quebrando o silêncio: - Este espetáculo grandioso do pôr-do-sol, me acalma sempre... Faz bem à minha alma...

- Léo... Estou tão curiosa para saber de todos os detalhes, por menores que sejam... Por que o suspense...? Conta logo, querido!...

- Paciência, querida... É que foi tão extraordinário!... O que eu vi no quadro da minha mente através de minha consciência... Foi incrível!... Fiquei estupefato! Estou ordenando as idéias para relatar tudo com coerência... Calmamente...

- Nesse caso, vou dar mais um tempo... Vou preparar um uísque para nós. Ajuda a relaxar! – levantando-se, Joan vai até ao bar.

- É uma boa idéia... – concorda ele desatento, olhando para longe. Remoendo os últimos acontecimentos, murmura para si mesmo: - Essa estória toda, mexe com a estrutura de qualquer um!

Retornando com os copos, Joan se acomoda novamente a seu lado. Sorrindo, fala num tom divertido, com o intuito de quebrar a tensão nervosa: - Pronto... Sou toda ouvidos! Na verdade, sou um grande *orelhão*!!!

- Bem... Então vamos lá!...O Mendonça, tão logo me colocou no estado de hipnose, mandou que eu visualizasse uma escada e descesse por ela até encontrar uma porta. Tendo conseguido isso, ele ordenou que a abrisse e passasse por ela. Assim fiz e, surpreso, me deparei com uma sala antiga. Uma biblioteca ou talvez um escritório... Então mandou que eu observasse todos os detalhes que pudesse perceber, para identificar a época e se havia mais alguém na sala... Não, não havia... Apenas eu!... Assim fazendo, avaliei que o dono daquela peça deveria ser pessoa de muito dinheiro, pois tudo ali, móveis, objetos, enfim, tudo era de boa qualidade e valor... Mas muito antigo... E o mais estranho, era que eu me sentia à vontade naquele ambiente! Era como se eu já o conhecesse, estivesse habituado à ele... – fazendo uma pausa, toma alguns goles do uísque, fixando novamente seu olhar ao longe.

- Querido, continua... O que mais percebeste...?! Nunca ouvi nada igual!... Somente em ficção!

- Pois é... Tem momentos em que eu me pergunto se tudo não é mesmo uma ficção, imaginação de minha mente!... Mas de acordo com o Mendonça, é pura realidade!... Bem... Vou continuar, tem muito mais!... Seguindo a orientação dele, olhei para minhas mãos e aturdido, vi que estavam diferentes... Muito brancas, de pele macia, dedos longos e finos. Em seguida, olhando para meus pés e meu corpo, me admirei mais ainda, pois estava vestido como um nobre inglês!... Muito confuso, olhei ao meu redor e sobre uma grande mesa cheia de livros, vi um calendário que marcava a data de 18 de abril de 1703!... Mais perturbado ainda, continuei olhando à volta e num relance, enxerguei minha imagem refletida num grande espelho de moldura dourada... Totalmente diferente! Sabia que era eu, porém com outras feições... Um rosto bem mais bonito do que tenho atualmente, com cabelos ondulados de um loiro ruivo. Pele alva, pálida mesmo... Estatura mediana e muito magro... Estranhamente sabia que tinha 46 anos, conhecia a minha idade! A essa altura, não era mais eu... Era ele!!! E começava a me sentir como ele!!! - ele pára de falar por uns momentos enquanto observa a reação da esposa.

Com uma expressão de espanto ela apenas pergunta: - E aí...???

Apreensivo, ele explica o que sente: - Toda esta situação esdrúxula, me deixa tenso, muito tenso!... Pois minha mente lógica se recusa a aceitar tudo isso, enquanto o meu lado emocional acredita na realidade da experiência pela qual passei... Compreendes o que eu quero dizer ?!

- Estou entendendo, querido... Continua, vá até o fim!

- E eu, sendo ele, estava possuído de uma enorme angústia, porque teria de tomar uma atitude drástica, cruel, com uma filha a quem muito amava... Entretanto, o sentimento predominante dentro de mim, era o ódio! Ódio por um rapaz que eu precisava matar... Tinha que matar! Ele manchara a minha honra e somente o seu sangue poderia limpá-la... Eu fora ultrajado!!! E ele escapara de mim! Fugira covardemente e eu não sabia aonde poderia encontrá-lo... Mas iria procurá-lo, nem que levasse anos a fio! Disso eu tinha certeza, a minha busca

continuaria!... Por dentro eu era um vulcão, de frustração e ódio, em erupção!... Externamente era gelo, frio, calmo... Cônscio de minha dignidade de nobre inglês!

Leopoldo faz outra pausa. Uma fina camada de suor frio cobre sua testa e o coração palpita mais rápido, por estar recordando aquela vivência tão dramática. Joan, muito assustada, absorvendo cada palavra sem querer interromper, aproveita o momento para perguntar admirada: - E tu sentias tudo isso, Léo...?! Como se fosse real...???

- Por mais incrível que pareça, sim!... Naquele momento eu era ele, vivendo intensamente aquele drama!...

- É realmente inexplicável!!!... Mas, continua... Continua, porque estou por demais ansiosa para saber tudo!

- Bem... Eu aguardava naquela sala a minha filha...Estava em meio àquela confusão de sentimentos, quando ela chegou... Tão jovem, linda e frágil, de pele bem clara e cabelos castanhos-dourados. Estava acompanhada pela mãe... Meu coração deu lugar a um profundo amor por ela!... Entretanto, dominado por súbita revolta, esbofeteei as duas faces daquele rostinho lindo! E foi com tanta força, que ela caiu a meus pés, soluçando... Soltando um grito, a mãe correu para ajudá-la, mas eu a impedi, empurrando-a com violência... E friamente perguntei: "Aonde se escondeu aquele plebeu covarde, sem honra...?! Pai desse bastardo que carregas no ventre?! Aonde...?! Responda! Estou ordenando!!!" Segurando os soluços, ela me respondeu cabisbaixa: "Jamais lhe direi, senhor meu pai... Jamais!!!" Revoltado, apesar de estar sofrendo muito, respondi friamente, sem demonstrar o que sentia: "Deveria deserdá-la e atirá-la na sarjeta! Porém, em nome do meu amor paterno, vou mandá-la para o convento das Franciscanas! Vou doar teu dote para as irmãs... Assim poderás criar o bastardo!... Agora saia!... Vá embora!.. Nunca mais quero vê-la!!!" Vi, então, a mãe chorando cair ajoelhada. Fingi não ouvir o pedido que ela me fazia. Um sentimento de dor e amargura tomou conta de mim, porém, sob a capa da indiferença, formulei a cruel sentença: "De hoje em diante, não tenho mais filha! Morreste para mim!!!" A jovem, erguendo o rosto, olhou-me com os lindos olhos azuis, marejados de lágrimas... E eu, ao fitá-los, sofri um impacto!... Reconheci, naquele olhar de profunda mágoa, o olhar de Danielle... Era ela!!! Joan... Era ela, a nossa Danielle!... Como pude fazer isto com ela no passado...? Como?! – e seus olhos se encheram de lágrimas.

- Oh, Léo... Que horror!... Isto não pode ser verdade! Tu não podes ter sido cruel assim!...

- Infelizmente, querida, foi exatamente assim que eu vi e senti... E não foi somente isso!...

- Como...? Aconteceu mais ainda...?! O quê ?!

- Bem... Como eu estava sofrendo muito, com o coração bastante acelerado, o Mendonça ordenou que eu parasse... Que não vivenciasse mais nada, que procurasse sair de meu corpo... Contando impulsos, mandou que eu respirasse profundamente, lentamente... Poucos segundos depois, estava fora de mim, pairando sobre o meu corpo, flutuando... Tornei-me espectador! Olhei para aquela

cena, que instantes atrás vivia com tanta emoção... Vi, então, quando eu saí da sala, aparentemente frio e indiferente, deixando a mãe abraçada com a filha. Ambas em um choro convulsivo e angustiante... - um tanto ofegante, devido a emoção de que está acometido, ele pára a narrativa.

Porém Joan, abismada e ao mesmo tempo ansiosa, pede que ele continue: - Inacreditável, querido... Estou impressionada, mas muito curiosa também... Quero saber... Acaso eu era a mãe...?!

- Não sei, Jô... Talvez pelo fato do conflito estar entre a Danielle, o rapaz e eu, não tenha te reconhecido... Mas a regressão não terminou ali!... Como eu quisesse saber do rapaz... Saber quem era e o que fora feito dele, pedi ao Mendonça que, se fosse possível, me fizesse retornar novamente àquela época.

- E conseguiste ?!

- Sim... Mais uma vez cheguei frente à porta... Ao atravessá-la, me senti de novo o nobre inglês! Tomado de um ódio intenso, eu caminhava pela mesma viela escura de meu sonho, levando sob a pesada capa que vestia, uma pistola... Procurava o plebeu... Sabia que ele estava escondido em uma daquelas casas... Eu tinha de encontrá-lo e matá-lo!!! Entretanto, como no sonho, foi ele quem me surpreendeu, atirando em meu peito à queima-roupa! E novamente reconheci o olhar do Gustavo... Era ele o plebeu! O amor da minha filha! Era o Gustavo, Jô... Era ele!!!

Emocionada, ela segura a mão do marido, falando com a voz embargada: - Léo... Querido... É tudo tão fantástico, que não sei o que dizer!...

A noite já havia caído. A penumbra envolvia o casal. Ambos, de mãos dadas, ficaram meditando sobre os últimos acontecimentos... Aos poucos, as estrelas com seu brilho intenso foram iluminando o manto escuro do céu. As luzes da cidade, multiplicando-se cada vez mais fortes, clareavam as ruas, onde os transeuntes num vai-e-vem apressado iam retornando às suas casas. E, apesar do rumor intenso dos veículos, que subia até a cobertura, uma estranha paz se fazia sentir...

- Léo... - ainda semi-adormecida, Joan se volta na cama estendendo o braço à procura do marido. Sentindo seu lugar vazio, olha para o relógio: - Querido... Não acredito que já estejas de pé tão cedo! Recém são seis horas!...

Sem obter resposta, percebe o barulho do chuveiro no banheiro ao lado. Preguiçosamente aninha-se sob as cobertas, quase adormecendo novamente. Mas apesar da suíte ainda estar mergulhada em penumbra, o canto dos pássaros a saudar o alvorecer, entremeado pelo ruído dos poucos veículos iniciando o tráfego, se faz ouvir convidando ao despertar... Um tímido raio de luz, a se infiltrar por uma fresta na cortina, brinca em seu rosto, acordando-a de vez. Com os cabelos emaranhados e o olhar sonolento, que em nada desmerecem sua beleza, vagarosamente ela se levanta, indo abrir a janela. Levantando os braços num longo espreguiçar, aspira o ar fresco da manhã, que invade o ambiente. O sol nascente envolvendo-a, favorece

uma sensação de aconchego e bem-estar. Sente-se revigorada, em harmonia com a vida...

"Hum... Que lindo amanhecer!... Adoro a primavera! Tudo fica mais brilhante e alegre. Dá para se sentir o pulsar da vida em cada canto!..."

Saindo do banheiro, vestido em um roupão atoalhado e enxugando os cabelos, Leopoldo vai ao encontro da mulher: - Bom dia, querida! Dormiste bem ?!.

- Maravilha!... Um sono só... Nem percebi se tu tiveste pesadelo... Sonhaste de novo?!

- Nada, Jô... Dormi como uma pedra! Não sonhei nada, absolutamente nada!... Tenho de admitir que aquela regressão funcionou... Pelo menos para dormir em paz!

- Como assim...? Não te entendo...

- Porque é difícil acreditar que tudo o que se passou ontem, seja realidade!... Estava agora mesmo, embaixo do chuveiro, pensando se tudo não foi imaginação minha... Um artifício de minha mente para disfarçar minhas frustrações!

- Pode ser... Mas tem um fator que derruba esta teoria... Pelo menos, no meu entender.

- Que fator ?!

- Os sonhos foram antes da chegada do Gustavo, da descoberta de seu namoro com a Danielle e, principalmente, antes de tu seres preterido na chefia da equipe.

- É... Isso realmente dá o que pensar! – e enlaçando-a pela cintura, num abraço apertado, murmura em seu ouvido: - Tu és linda, mesmo ao despertar!... Te adoro!!!

Sorrindo com carinho, Joan se desvencilha do abraço do marido, alertando-o: - Se começares nessa moleza, de nada vai adiantar teres caído tão cedo da cama!... Não é às sete e meia que precisas estar no laboratório...?!

Mais bem humorado e descontraído, ele brinca com ela: - Esta tua pontualidade inglesa, às vezes me mata!... – e já num tom mais sério, continua - Tá certo, vou me vestir... Não devo mesmo chegar atrasado... Vou me virar pelo avesso, Jô... Fazer tudo quanto é exame! Quero ter a certeza absoluta de que não tenho nada errado fisicamente! Nada!!!

Enquanto Leopoldo se dirige para o *closet*, Joan, acompanhando-o com o olhar apreensivo, analisa pensativa: "Realmente esses acontecimentos são muito estranhos... Dá mesmo o que pensar!..."

Ao final da tarde, após um dia bem tumultuado, Leopoldo se encontra reunido com o Dr. Maciel e o Gustavo. Conversam sobre a sua situação.

- Fala com toda sinceridade, Scheiner... Estás mesmo te sentindo bem ?! - pergunta o Diretor.

- Mas é claro que sim!... Ocultar qualquer coisa seria tentar enganar a mim mesmo!... E eu sou o maior interessado em manter a minha saúde perfeita! Posso até afirmar, Dr. Maciel, estou melhor do que nunca! É como se nada daquilo houvesse acontecido!

- Porém temos que aguardar o resultado de seus exames, para avaliarmos corretamente o que se passou com você. Por enquanto são apenas suposições... – fala Gustavo num tom de dúvida - Desculpe, colega, mas há de convir que é válida a nossa preocupação. Não somente pelo amigo, mas sob o aspecto profissional também... Não pode fazer parte da equipe, um cirurgião sujeito a desequilíbrios inesperados... É um risco para os pacientes! Desculpe ter que lhe dizer isto, Leopoldo! Mas é minha obrigação como chefe da equipe...

Ao ouvi-lo falar desta maneira, Leopoldo sente explodir dentro de si uma raiva quase incontrolável, que mal consegue disfarçar no olhar que dirige à ele. Porém, controlando-se ao máximo, consegue responder com voz segura e aparentemente calma: - Concordo contigo, Gustavo... Mas deverias imaginar, que a mim interessa muito mais do que a qualquer pessoa, comprovar minha sanidade física e mental!

Em seguida, dirigindo-se ao Dr. Maciel, entrega para este um grande envelope: - Aqui estão a tomografia computadorizada e o eletroencefalograma, feitos a meu pedido no início da tarde de hoje! Inclusive o laudo do Aníbal. E gostaria que juntamente com ele e o Gustavo, os examinasse minuciosamente.

Percebendo que fora rude com a observação que fizera, Gustavo, um tanto sem graça, tenta se justificar: - Não leve a mal a minha observação, Leopoldo... Não foi minha intenção ofendê-lo! Não há nada de pessoal nisso... Apenas julgo estar cumprindo com o dever que o meu cargo exige.

- Compreendo... Mas quero te lembrar, caro colega, que nenhum cirurgião, por melhor que esteja a sua saúde, está livre de sofrer um mal súbito, durante uma cirurgia... Por isso somos uma equipe! Caso algo inesperado aconteça, outro assume o seu lugar imediatamente, para que o paciente não corra o menor risco!... Não foi isso exatamente que ocorreu conosco ?!

Mais encabulado ainda, Gustavo fica sem resposta. O Dr. Maciel, em silêncio, observa os dois com olhar preocupado. Num clima tenso, Leopoldo continua, dirigindo-se a este: - Quero comunicar também, Dr. Maciel, que ontem fui me consultar com um psiquiatra. Carlos Mendonça... Muito interessante a sua terapia de vidas passadas, através da hipnose!

- Já ouvi falar nele... Tal terapia tem despertado muita controvérsia! Foge aos padrões conservadores da medicina!

- Da mesma forma como fugiam as idéias de Galileu e Freud, aos padrões conservadores de suas épocas!... E hoje, não mais existem controvérsias acerca de tais idéias!

- É uma verdade!... Tudo o que é novo, deve ser estudado com bastante atenção... Tu me lembraste bem, Scheiner... Despertaste em mim, o interesse de conhecer um pouco sobre esta teoria tão polêmica.

- É bem interessante... E para encerrar o nosso assunto, Dr. Maciel, quero pedir umas duas semanas de licença, para realizar com calma esta terapia com o Mendonça... Além do que, preciso de um tempo para pensar se ainda desejo fazer parte da equipe de transplantes!...

Tomado de surpresa com esta atitude inesperada de Leopoldo, Gustavo olha para ele e em seguida para o Diretor, aguardando o pronunciamento deste. Maciel percebendo a animosidade existente entre os dois, acata de imediato o pedido, deixando Gustavo sem condições de opinar.

Leopoldo agradece, despedindo-se do Diretor e apenas troca um frio aperto de mão com o antigo rival. Retirando-se em seguida da sala, deixa a ambos desconcertados, ponderando sobre o acontecido.

O sol começa a se esconder por trás da verde coxilha, onde está localizado o aero-clube de Cruz Alta. À semelhança dos pássaros retornando ao ninho no cair da tarde, os pequenos aviões agrícolas vão cortando o céu banhado em ouro e vermelho vivo, rumo ao hangar onde se abrigam, após as muitas horas de vôo sobre as lavouras...

Mais um dia de trabalho termina, na acolhedora cidade do interior do estado, uma das principais no plantio do trigo e do soja.

Um casal de meia-idade aproveita o tranqüilo entardecer, tomando chimarrão e conversando, sentados em um banco do pequeno jardim bem florido, de sua casa. Em estilo tipicamente germânico, toda em madeira, tem sob as janelas adornadas com alegres cortinas, floreiras carregadas de gerânios vermelhos. O visível esmero existente em todos os detalhes da casa, revela o capricho e a atenção de seus donos. Vizinha a esta, uma garagem de porte médio, onde um grande letreiro pintado na fachada frontal, indica: "Scheiner – Oficina Mecânica e Auto-Peças". Final de expediente, o estabelecimento já se encontra fechado.

- Tu estás é ficando velho, Rodolfo!... Preguiça de viajar é coisa de gente velha, sabias...?!

Com um sotaque, um tanto carregado, este responde com bom humor: - Velho, uma *pinóia*!... O teu alemão aqui, ainda tem braço forte pra muitos anos!!!... Tocar quatrocentos quilômetros pela frente, depois de um dia inteiro de trabalho, dona Doralice, é pra matar qualquer *bagual* !...

- Deixa de conversa fiada... Pensas que não te conheço bem...? Por trás dessa desculpa esfarrapada, tem uma pescaria... *Tô* errada ?!

Enchendo a cuia com a água fervente da térmica, Rodolfo rindo bonachão, passa o chimarrão para ela: - Tu és esperta, *hein*, minha velha ?! Não dá pra te esconder nada!

Doralice, sorvendo o mate, olha pensativa em direção ao aero-clube, porém sem nada ver... Quando volta a falar, está decidida: - Então, desse jeito, eu vou

solita para Porto Alegre!... Não vou ficar *pasmada* em casa, vendo televisão! Estou indo na sexta-feira!!!

- Mas o que deu em ti, mulher...? Recém viemos de lá, não faz um mês... Não achas que é demais, voltar outra vez ?!

- Olha, meu velho, não sei te explicar... Mas sinto que preciso ir! Ainda mais que a Danielle, com certeza, vai aproveitar o *feriadão* para ir também... E eu quero vê-la! Além das saudades que sinto, tive um sonho muito estranho, ontem à noite... Fiquei cismada...

- Hum... Cabeça de professora aposentada, que não tem mais o que fazer, dá nisso!... Fica imaginando coisas... Tu precisas arranjar ocupação, minha velha! Acho que é este teu sangue de português, que te deixa tão inquieta! Nunca ficas parada...

- Mas eu estou muito preocupada, Rodolfo!... Fazer o quê...?!

- Se é assim... Vá, minha velha!... Vai ser bom pra ti! – e dando um beliscão carinhoso no rosto dela, solta uma risada marota: - E eu não fico com remorso de ir pescar!... Bom... Muito bom!

Terminando o chimarrão, Doralice sorrindo, devolve a cuia para o marido e olhando-o enquanto ele vai enchendo-a de água, pensa angustiada: "É, meu velho... Não gostei nada, nada, do meu sonho!... Estou com medo de que algo de ruim esteja acontecendo com a Danielle... Tenho que ver a minha neta!!!

Depois de terminado o jantar, Leopoldo e Joan se dirigem para a sala de estar, ampla e confortável. Iluminada apenas pela luz dos abajures, que lhe dá um toque aconchegante, fica ainda mais agradável com o som melodioso da música que se espalha por todo o ambiente...

- Jô... Escolheste a música perfeita!... Ajuda a acalmar nossas mentes... – e espichando-se preguiçosamente num sofá, ele comenta satisfeito: - A comida da Corina é uma delícia!... Mas acho que exagerei. Não deveria ter comido tanto!

- Nem foi tanto assim... Mesmo porque, às vezes precisamos deixar de lado o controle. Principalmente quando se está cheio de problemas, como agora... E por falar nisso, fizeste muito bem em tirar essas semanas de folga!

- Não dá para conviver com o Gustavo, enquanto não conversarmos com a Danielle. Não agüento ficar olhando a cara dele! Mas acho que ele não desconfia que ela é nossa filha, não te parece ?!

- Também tenho esta impressão... Senão, penso que ele já teria falado contigo!... O melhor mesmo é primeiro esclarecermos tudo com ela... - demonstrando profunda tristeza, Joan se lastima: - Que pena!... Seria tão bom e simples, se ela tivesse se apaixonado por um colega... Assim como aconteceu conosco!

- É claro!...Era o melhor... Mas, não sei... Por vezes eu me pergunto... Se for mesmo real esta teoria de vidas passadas, será que não devemos aceitar tudo como normal...?! Se for preciso nos reencontrar para dissolvermos antigas desavenças,

então não devemos impedir o casamento deles!... E o Gustavo e eu, precisamos nos perdoar mutuamente, a fim de nos libertarmos de energias negativas... Será...?!

- Não sei, Léo... Tem momentos em que acredito nisso, noutros acho impossível, absurdo!... Sinto-me como em uma gangorra e isto me angustia! E o pior, é que não consigo parar de pensar neste assunto!!!

- Também sinto a mesma coisa...- suspirando, ele faz uma pausa, para em seguida reagir: - É... Vamos dar um tempo para nós dois!... Que tal uma volta lá em baixo...? É bom para ajudar a digestão... Estou me sentindo como uma jibóia que acabou de engolir um boi inteiro!

- É melhor mesmo!... E a noite está tão linda... Vamos lá!

Os dois se levantam e estão abrindo a porta de entrada, quando o telefone toca. Leopoldo, irritado, volta para atender: - Logo agora...?!

"Tomara que não seja nenhum cliente em emergência..." - pensa Joan, saindo para o vestíbulo, a fim de chamar o elevador. Mas em seguida o marido retorna, um tanto apreensivo.

- O que foi...? Problema com algum paciente ?!

- Não... Ainda bem!... Era a mãe... O pai vai sair no *feriadão* para pescar e ela queria saber se poderia vir ficar conosco... Não tive coragem de negar, mas acho que não é um momento oportuno, no meio de toda essa confusão!

- Que nada, Léo... Ela poderá nos ajudar muito! Ela é a pessoa mais indicada para aconselhar a Danielle! Com a afinidade que as duas têm, vai ser bom ela estar presente... Afinal, de acordo com os ensinamentos do Mendonça, nada acontece por acaso. Tudo tem uma razão de ser! Não é isso?!

- Pode ser... Talvez seja isso mesmo! – e impaciente, reclama: - Mas... Como este elevador está demorando hoje! Será que enguiçou...?

Dando uma risada, Joan exclama: - Essa não!... Esqueci de apertar o botão!!!

Ambos ainda estão rindo, quando o elevador chega. Mais descontraídos, eles descem para o jardim do condomínio.

Recostado confortavelmente na poltrona de couro, Leopoldo conversa com Mendonça, em uma segunda consulta. Com clareza, o psiquiatra vai explicando a teoria da reencarnação.

- Sei que tudo parece fantástico à primeira vista... Entretanto, à medida que vamos nos aprofundando nos estudos espirituais, vamos compreendendo a continuidade da vida... Que a morte não existe, é somente uma passagem para outra dimensão! Que continuamos vivos em um outro plano existencial.

- Mas isso contraria tudo o que aprendi: "Aquilo que a ciência não pode comprovar, não existe!"

- Não pode comprovar... Ainda!!! Todas as descobertas levam algum tempo para serem confirmadas e aceitas!

- Eu sei disso!... Porém é difícil, muito difícil para mim, aceitar tal realidade... Mas reconheço que no meu caso, depois daquela regressão, parei com

os sonhos e fiquei mais calmo! Só que continuo nutrindo pelo Gustavo uma antipatia incontrolável!... E acredito que o mesmo ocorre com ele, em relação a mim. Como explicar tal coisa ?!

- A época de sua regressão, 1703, mostrou o conflito entre vocês dois e sua filha... Porém, o ódio existente entre ambos, já deveria ser oriundo de outro conflito, ocorrido naquela mesma existência, ou em outra anterior.

- Mas como saber...?! Isso me deixa aflito!

- É simples... Basta retornar ao passado outra vez.

- Quer dizer que posso tentar novamente...? – e tomado de uma expectativa cheia de ansiedade, Leopoldo esfrega as mãos, tentando disfarçar seu nervosismo.

Compreendendo a aflição de seu paciente, Mendonça sorri, explicando: - Sim... Podemos regredir quantas vezes forem necessárias, até que seja eliminado por completo o conflito... Não fique tenso, passe para o divã.

Fechando os olhos, Leopoldo sintoniza sua visão interior na luz divina, relaxando completamente o corpo e, mentalmente, inicia mais uma viagem no tempo, através de sua consciência cósmica, em busca do passado distante.

Na véspera do grande feriado, é intenso o tráfego aéreo no aeroporto Salgado Filho. Vários aviões chegando e outros partindo. Um enorme número de passageiros e acompanhantes se desloca em uma agitação fora do habitual.

O avião que vem de São Paulo, no qual Danielle se encontra, já está atrasado em quase uma hora. Joan e Leopoldo estão fazendo um pequeno lanche, enquanto esperam sua chegada.

- Tomara que não demore muito mais, senão vai complicar para apanhar a mãe na rodoviária! - ele fala apreensivo.

- Se chegar até as onze e meia, dá tempo... Caso contrário eu irei para lá, de taxi, na frente! Não fica tenso assim, querido... Aproveita para saborear este soverte que está uma delícia!

- Não estou tenso... Estou pensativo! É que cada vez eu me impressiono mais com as experiências que vivencio, naquele sofá do Mendonça... Essa de hoje realmente me abalou muito!... Desculpa, Jô, sei que estou ficando *chato*, repisando este assunto! Mas, volta e meia, essas coisas todas me vêm à cabeça...

- Bobagem, Léo... A mim também interessa tanto quanto a ti, ficar a par de tudo, nos mínimos detalhes!... E o Mendonça não disse que quanto mais falares sobre isso, mais depressa se dissolvem as marcas do passado...?!

- Disse... Mas é tão estranho... Me confunde! É difícil aceitar que em algum tempo, mesmo num passado remoto, eu matei, odiei, traí, roubei... Enfim, fui um crápula!!! – e num gesto brusco, empurra a taça vazia de sorvete para frente, talvez significando, inconscientemente, o desejo de atirar para bem longe tais lembranças.

Preocupada, Joan procura aliviar a tensão que o marido está sentindo: - Mas pelo que estou entendendo, querido... Todos nós aqui na Terra, tivemos vidas passadas cheias de erros e por isso sofremos tanto agora! Nosso sofrimento é o

retorno do que fizemos, não é isso...?! Sendo assim, faz sentido... Talvez este nosso planeta azul, seja uma escola de recuperação! Não concordas...?

- Até pode ser... Mas quando penso que em uma existência anterior àquela do conflito com a Danielle, eu e o Gustavo fomos irmãos e, por causa de herança, nos agredimos e nos odiamos até à morte, fico pasmo!!!... Eu, que nunca fui apegado ao dinheiro...

- Ora, Léo... Se tudo isso é mesmo verdade... – ela faz uma pausa olhando para ele entre séria e divertida e, dando uma risada, continua: - Analisando bem... Acho que ambos evoluíram muito neste último século... Transformaram o ódio em antipatia!... Que tal?!

Leopoldo olha para ela, achando graça da sua observação. Mais descontraído, concorda no mesmo tom de brincadeira: - É... Realmente não demoramos muito!... Apenas uns duzentos a trezentos anos, não é isso...?! – e afagando a mão dela, agradece com carinho: - Ah, minha querida... Tu sempre encontras um meio de aliviar meu nervosismo... Obrigado... Te adoro!

Tão distraídos estavam com a conversa, que não escutaram o aviso da chegada do vôo, pelo alto-falante. De repente, Joan se dá conta de que estão anunciando um desembarque.

- Léo... Acho que o avião da Danielle chegou!...

Prestando mais atenção à comunicação, ele confirma: - É o vôo dela sim! Nossa filha já deve estar desembarcando!... – e acenando ligeiro para o garçom, ele pede a conta.

Enquanto esperam esta chegar, Joan encerra a conversa num tom mais grave: - Falando sério, querido... Na minha opinião, não importa o que fizemos de errado em nossas vidas passadas. Importa o que somos hoje e o que poderemos melhorar mais ainda! Nesta vida atual, és um homem bom e correto... Um médico maravilhoso e dedicado! Isso é evolução!

Comovido, Leopoldo sorri para ela. Tão logo ele paga ao garçom, ambos se levantam ligeiro, saindo apressados ao encontro de Danielle.

Aproveitando a manhã quente e ensolarada, a família se prepara para um churrasco. Sob a pérgula florida, que também abriga um bem montado bar, Leopoldo acaba de acender o fogo na churrasqueira, enquanto Joan apronta a mesa, auxiliada por Doralice e Danielle. Enquanto trabalham, conversam animadas.

- Estou tão faceira por estar aqui com vocês!... Ainda mais ao lado da minha paixão!... – e dirigindo-se à neta: - Sabes, querida, estava tão saudosa de ti, minha *fofa*, que tive até pesadelo contigo. Acreditas ?!

Surpresa ao ouvir isso, Joan olha para a sogra, pensando preocupada: "Meu Deus... Pesadelo já está se tornando um mal de família! O que será agora ?!"

Rindo, Danielle largando os pratos sobre a mesa, beija carinhosamente a avó: - Esta minha *vó* querida é demais!... Que exagero! Eu também morro de saudades de ti, mas nem por isso tenho pesadelo... Só tu mesmo, *vó*!...

- Verdade... Tive sim!... Foi no início da semana. E também descobri que saudade dói até em sonho! Queres que eu conte...?

Danielle terminando de arrumar os pratos, sorri para a avó e, puxando-a pelo braço, vai em direção às cadeiras da piscina: - Claro que quero saber!... Mas vamos sentar aqui, para ouvir tudo direitinho... Então, saudade dói em sonho...?!

- Pois é... Dói mesmo!!! - olhando pensativa para a neta, continua - Foi assim: Eu estava no meu sonho, defronte a uma grande porta de madeira, que me separava de ti... Atrás dessa porta, tu choravas muito. Eu não podia te ver, mas sabia que tu estavas lá... Como eu sabia, não sei!... Mas eu queria te socorrer!... Tentava abrir a porta e não conseguia, porque a minha mão, igual a de um fantasma, não segurava a maçaneta... Estava desesperada. Meu braço atravessava a madeira, mas não te alcançava! E estava tão aflita, que me acordei suando, com o coração doendo, doendo... Aí eu disse para mim mesma... Se não for ver a minha neta, urgente, vou ter um infarte!!! Viu como dói...? – e dando uma risada gostosa, exclama: - Bendito pesadelo!!! Por causa dele, aqui estou ao teu lado!...

Leopoldo, que estava assando a carne, ao ouvir o relato da mãe vira-se rapidamente para esta e, num relance seu olhar cruza com o de Joan que, parada, com uma expressão de espanto, ouvia o que Doralice relatava. Atônitos, ambos nada comentam, fingindo nada terem escutado.

Surpreendida, com o que a avó sonhara, Danielle sente um aperto no coração. Mas, procurando não se deixar impressionar com o que acabara de ouvir, fala brincando: - Que horror, *Vó*... Precisava de uma tragédia grega, para me visitar...?! - e se levantando ligeiro, estende a mão para ela, convidando: - Venha, *vozinha*...Venha cair n’água comigo! Venha... – como esta relutasse em acompanhá-la, diz baixinho em seu ouvido: - Quero falar a sós contigo... Preciso mesmo da tua ajuda, *Vó*! E agora é real!...

Tomada de surpresa com a atitude da neta, Doralice sente retornar o pressentimento de que algo ruim estava para acontecer e atende imediatamente ao seu pedido e ao lado dela, entra direto na piscina. Com a voz um tanto trêmula, de frio e ansiedade, pergunta: - O que está acontecendo, minha querida... No que precisas tanto de ajuda ?!

- Tu te lembras, *vó*, o que eu te contei, quando conheci o Gus...?! Que meu coração disparou e uma voz falou dentro de mim: "É ele, é ele!". E que eu disse que tinha sido amor à primeira vista...? Lembra... ?!

- Claro que me lembro!... Até brinquei contigo, repetindo uma frase de minha mãe: "Cuidado... Amor à primeira vista é como fumaça, envolve a gente e logo passa!"... Por que... Passou...?! Vocês brigaram ?

- Não, ao contrário, *vó*!... A fumaça virou fogo e nós estamos ardendo de paixão, querendo casar logo, logo! E este é o problema! Sei que o pai não vai concordar... Por isso preciso da tua ajuda!

- Realmente me parece cedo demais... É pouco tempo de namoro para que tu penses em casamento... Mas isso não é problema! – e sentindo novamente o mau

presságio retornar, indaga apreensiva: - A não ser que o Gus seja casado... É isso...?!

Receosa da reação da avó, Danielle olha para ela com uma expressão mista de angústia e súplica, falando de uma só vez: - Não, ele é viúvo. Tem a idade do pai e dois filhos de 17 anos... Me ajuda, *vó*! Tu bem sabes que o pai e eu nunca conseguimos nos entender direito...

Surpresa com tal revelação, Doralice arregala os olhos, espantada com a neta. Fica muda por alguns instantes, sem saber o que dizer. Quando volta a falar, sua voz transmite uma grande preocupação: - Minha filha... Custo a acreditar no que acabei de ouvir... Viúvo com dois filhos adolescentes...??? Aonde estás com a cabeça, querida...?!

- *Sem essa, vó*!... Sermão é com o pai... De ti eu quero é ajuda!

- Eu quero te ajudar... Precisas realmente de muita ajuda!... Mas, tu tens que me ouvir primeiro... Um casamento desse tipo, não pode ser bom para ti! O Gus, daqui a dez anos estará um velho cheio de manias e tu, minha querida... Tu serás uma mulher jovem, cheia de vida! Não faças tamanha tolice! E os filhos... Já pensaste que irás ganhar dois enteados quase da tua idade ?! Isto é um *problemão*!!! Tu mereces uma vida muito melhor, minha *fofa*... Tens que pensar muito sobre isso!

- *Vó*... Me entenda, por favor!!! – aflita, segura as mãos desta, falando com veemência: - Por favor, *vozinha*... Estou tão apaixonada, tão apaixonada, que se vocês não me apoiarem, sou capaz de largar tudo para ir viver com ele!...

Impressionada com a determinação da neta, Doralice sente que não será fácil conciliar tal situação junto aos pais. Penalizada, tenta acalmá-la: - O que isso, filha...?! Que absurdo... Precisamos é de conversar com calma... Analisar o que for melhor para ti, sem discussão, sem angústia... Claro que vou te ajudar! Sabes que te quero feliz, muito feliz! E coloca na tua cabeça, querida, que teus pais também só desejam tua felicidade...

Aliviada, confiante no apoio da avó, Danielle beija-a feliz: - Eu sabia que podia contar contigo! Que bom que tu estás aqui!!! – e mais descontraída, mergulha dentro d'água.

Olhando para a neta submergindo na límpida água azulada, ela pensa tristemente: "Que pena esta situação... Que pena estar acontecendo isso... Oh, minha querida, precisas mesmo de ajuda! Não foi por nada que sonhei contigo!"

Apesar da tensão que se fazia sentir no ar, o churrasco transcorreu tranqüilo, regado a um bom vinho colonial. Conversando amenidades, Danielle deixara o seu problema para a parte da tarde, sedimentando o clima de harmonia familiar. Respeitando o silêncio da filha, os pais também evitaram tocar no assunto, mas este na verdade, esteve presente o tempo todo de forma cruciante em suas mentes. Sonolentos sob o efeito do vinho, eles resolveram se recolher para uma pequena sesta.

Sentada no sofá ao lado da avó, após uma longa conversa entre elas, Danielle fala agora, pelo celular, com o Gustavo. Meio que cochilando, Doralice, à pedido da neta, procura prestar atenção ao que ela está falando.

- Está bem, querido, me encontro contigo às nove... Não, não quero que me apanhes em casa! Vamos nos encontrar no restaurante!...(pausa)... Não existe mistério algum e não estou irritada!... Apenas não quero que conheça meus pais ainda!... (pausa)... Porque preciso conversar antes contigo, a sós!...(pausa)...No restaurante eu te explico!... Estarei no *Mangiare per Tutti* às nove em ponto... Te amo!!!... *Tchau, um beijão*! – desligando o telefone, olha apreensiva para a avó.

- Ele ficou muito contrariado, filha...?

- Bastante... Realmente é uma coisa estranha eu não querer que ele venha me apanhar em casa... É claro que ficou irritado! Mas, fazer o quê...?! Acho que no restaurante a gente se acerta... Fiz mal ?!

- Não... Penso que é melhor assim... Primeiro conversa com teus pais e depois com ele, para finalmente os quatro conversarem juntos!

- Os quatro, não...Os cinco! Preciso de ti junto de mim, *vó*!

- Tudo bem, querida... Tão logo teus pais acordem, vamos conversar de uma vez! Nada pior do que a expectativa!

- Como é bom conversar contigo, *vó*!... Não sei porque não consigo me entender assim com o pai! Ele me deixa irritada. Quer sempre impor sua opinião!

- Se analisares bem, querida, tu ages da mesma forma com ele... Não percebes isso...?

- Ah, *essa não vó*!... Ele é que está sempre implicando comigo!... Tu é que não percebes isso! – fala de um jeito tristonho, frustrada com a opinião da avó.

Afagando carinhosamente os cabelos da neta, Doralice procura aconselhá-la:
- Filha, não fiques magoada comigo... Estou apenas te alertando... Se tentares ser um pouco mais dócil e carinhosa, facilitarás o entendimento entre vocês, principalmente hoje!... Pensa nisso, *tá*...? – e batendo de leve, afetuosamente, no joelho dela, se levanta: - Vou na cozinha preparar um mate para nós... Que tal ?!

- Bom... Faz tempo que não tomo chimarrão!... - responde esta, se recostando no sofá e, pensativa, acompanha com o olhar distante a avó se afastando.

Ela ainda está imersa em seus pensamentos, quando seus pais entram na sala. É despertada pela voz da mãe.

- Sozinha, filha...? Dona Dora ainda está dormindo ?!

- Não, mãe... Ela não *sesteou*. Ficamos conversando até agora... Recém saiu para a cozinha, foi preparar um chimarrão!... Mas, que bom que vocês já acordaram...

Seguindo os conselhos da avó, ela vai ao encontro do pai e com um sorriso meigo, segura-o pelo braço, convidando: - Venha sentar perto de mim, pai... Precisamos conversar... Vamos procurar nos entender, não é mesmo ?! Não é mais possível continuarmos nos *bicando* sempre! Eu te amo!...

- Eu também, filha! - surpreso com a inesperada meiguice da filha, olha-a afetuosamente, concordando - Realmente falta um diálogo tranqüilo entre nós... Tens razão, é hora de nos compreendermos mutuamente!

- Pois é, pai... A mãe já deve ter contado que eu e o Gus queremos nos casar... Tu já sabes, não é ?!

- Estou sabendo sim... Quais são os seus planos... ? Como vão ficar os estudos... O que tens em mente ?!

- Bem... - sentindo-se um tanto insegura, ela inicia: - Sei que tu vais achar um absurdo o que estou pretendendo fazer...

Leopoldo, esforçando-se para controlar o nervosismo que começa a tomar conta dele, interrompe-a procurando falar num tom tranqüilo: - E não é...?! É tão absurdo que tu mesma reconheces... Olha, filha...

Tentando manter a calma ele faz uma pausa, pesando bem o que deseja dizer, mas Danielle aproveita este momento para interrompê-lo: - Pai... Deixa eu continuar, te explicar direito o que pretendo...

Mas ele não permite e mais tenso ainda, continua: - Eu sei bem o que tu pretendes!... Quero agora, filha, que me que me ouças com atenção!... Eu não havia tocado neste assunto até então, querendo dar um tempo para que tu pensasses melhor nesta loucura que pretendes cometer!- porém aflito, ele não consegue mais se controlar e exclama alterado: - Não posso concordar com tamanho desatino!!!

Doralice que neste momento vinha chegando com o chimarrão, vendo a tensão que já está se formando entre pai e filha, resolve interrompê-los. Falando com voz calma e firme, entrega a cuia para o filho: - Toma o mate, Leopoldo... Vai te acalmar... O que adianta ficares nervoso assim...? Não resolves nada dessa maneira!... Acabas brigando com tua filha e o problema ficará sem solução!

- Isso mesmo, Dona Dora... A senhora está certa! Devemos ponderar em paz, os prós e os contras desta situação! – e acercando-se da filha, Joan senta-se junto a ela e num gesto de amor, segura sua mão: - Querida, nós desejamos o melhor para ti... Sob o nosso ponto de vista, achamos que o ideal é o casal ter a mesma faixa etária, ser da mesma geração... Para que possa construir uma vida juntos, com a mesma disposição, os mesmos sonhos. E, assim, envelhecerem ao mesmo tempo!

Mais tranqüilo, Leopoldo concorda: - Tua mãe falou corretamente!... Um homem, filha, com trinta anos a mais que tu, já deixou para trás boa parte da mocidade. Não tem a mesma energia e as mesmas aspirações da tua juventude... É nosso dever te alertar para isso! Portanto, em sã consciência não posso concordar contigo... Impossível aceitar tal casamento! Sinto muito!...

Angustiada, sentindo-se incompreendida, Danielle responde num tom amargo: - Eu sei tudo o que vocês estão me dizendo... Pensam que eu já não avaliei isso...? Posso até concordar... Mas, onde fica o amor...? Não conta ?! Nada do que foi dito até agora, tem a ver com o amor! Não é comum, afirmar que ele é cego...?! Pois fiquem sabendo que o Gus e eu não nos enxergamos nem mais velhos, nem mais jovens... Sentimos sim, um pelo outro, um sentimento tão profundo, tão forte, que até parece que já nasceu conosco! Será que podem entender isso...???!

À medida que falava, ela ia se inflamando e ao término destas palavras, está ofegante com o coração disparado e o rosto enrubescido, preste a chorar.

Os pais, surpresos com o que acabaram de ouvir, trocam um olhar expressivo entre si, sem nada comentar. Com o intuito de protegê-la, Joan abraça-a amorosamente, enquanto Leopoldo para se controlar, segura a cuia com força, sorvendo sem saborear o restante do mate.

- Danielle querida... – deixando escapar um longo e triste suspiro, ele começa a falar, pausadamente: - Tudo o que acabaste de expor, é bonito e romântico... Entretanto, para que tenhas a exata noção da disparidade que existe na diferença da idade de vocês dois, preciso te contar algo que certamente irá te chocar!... É muito pesaroso para nós, mas tu precisas saber, antes que o Gustavo descubra...

- Descobrir o quê, pai...?! – preocupada, ela o interrompe e olhando para a mãe, se aflige ao ver seus olhos marejados de lágrimas: - Por que estás quase chorando, mãe...?! O que é de tão grave, assim ?!

- É que eu e tua mãe já conhecemos o Gustavo... De muito tempo atrás. Bem antes de tu nasceres. Fomos colegas de faculdade... E ele, minha querida, foi o primeiro namorado de tua mãe. Percebes agora, a distância que separa vocês...?!

Danielle sofre um impacto com o que acabara de ouvir e, completamente aturdida, com os olhos a se encherem de lágrimas, olha angustiada para a mãe, murmurando: - Mãe... Diga que não é verdade... Não pode ser...

Doralice, que desconhecia o fato, com expressão de espanto fala baixinho, incrédula: - Namorado da Joan...???

Num ímpeto, Danielle se levanta do sofá, sem que o pai tenha tempo de esboçar nenhum gesto. Aos prantos, ela corre em direção ao quarto. Joan, rapidamente segue atrás dela. A avó, refreando o desejo de acompanhá-las, segura o braço do filho, que pretendia fazer o mesmo.

- Não, Leopoldo... Devemos deixá-las sozinhas! Assim se entenderão melhor! Esta é uma conversa, filho, que compete apenas à elas...

"*Mangiare per Tutti*" é uma cantina italiana. Garrafas e botijas de vinho penduradas pelo teto e uma enorme variedade de salames, queijos e pães em grandes cestas de vime, expostas sobre toscas prateleiras de madeira, dão um toque rústico e acolhedor. Fotografias de várias províncias italianas espalhadas pelas paredes e a música napolitana envolvendo o ambiente, transportam os fregueses a uma genuína casa de pasto, característica da velha Itália.

Completamente alheios à alegria local, imersos em uma grande tristeza, Gustavo e Danielle, tomam um aperitivo enquanto aguardam a comida. Com as mãos entrelaçadas, trocam olhares que se alternam com apreensão e ternura. Os olhos avermelhados e um tanto inchados de quem chorou bastante, demonstram a profunda mágoa que ela está sentindo e a sua voz, ao falar, traduz angústia e revolta pelos fatos acontecidos.

- Foi um tremendo choque para mim!... Jamais poderia imaginar que aquela namorada da tua infância e adolescência, que tu chamavas de *Jojô*, fosse a minha mãe!...Aliás, ela me contou que foste tu quem deu tal apelido a ela. Nunca ninguém a chamou assim... Como eu poderia adivinhar...???

- E como eu também poderia sequer suspeitar que Danielle Ramos, fosse a filha de Joan Hartley e Leopoldo Scheiner...?! Se você não tivesse escondido sua filiação, talvez tudo isso fosse evitado... – fala igualmente magoado.

Danielle não responde e por alguns segundos olha distante pensando. Quando volta a falar, é num tom duvidoso: - Não sei... Às vezes acredito em destino. Quem sabe...? Pode ser que a reencarnação exista mesmo e o nosso amor seja antigo...

- Que tolice, querida... Essa estória de outras vidas, que ultimamente se ouve muito falar, é pura bobagem! A ciência nada prova, portanto não existe! Quanto a nós, meu bem, realmente nos amamos muito! Hoje, agora, no presente, nesta vida! E isto é o que importa!... É real!

- Foi exatamente o que eu disse para os meus pais... O que importa é o momento presente! *Jojô* foi um amor de adolescência... Flora, tua mulher, um amor maduro que deu frutos... Porém, agora, existe o "nosso" amor! Um amor que reúne juventude e maturidade... E que nós temos o direito de vivê-lo, porque é o nosso desejo!!!

Gustavo, admirado com as palavras de Danielle, olha-a embevecido, deixando transparecer em cada gesto, em cada palavra, o grande amor que sente por ela.

- Dani... Você me encanta e surpreende a todo o instante! Não pensa como uma jovem de dezenove anos! Sua idade mental está muito acima...Vou usar de suas próprias palavras... Você reúne juventude e maturidade em uma personalidade firme, equilibrada! Nunca conheci ninguém como você, minha querida... Estou decidido! Amanhã, queira você ou não, vou falar com a Joan e o Leopoldo. Quero esclarecer de uma vez por todas, a nossa situação!... Eu a amo muito!!! Não posso perdê-la!!! – e segurando firmemente suas mãos, beija-as com ardor.

Com a fisionomia aliviada, voltando ao olhar o brilho alegre de sempre, ela sorri feliz. Ele, exuberante de felicidade, começa a servi-la da pizza, antes fumegante, que o garçom há muito já havia trazido e que se encontrava esquecida no canto da mesa.

Uma relativa obscuridade envolve a suite, onde o casal ainda se encontra adormecido. Mas, aos poucos, tênue claridade começa a se fazer presente penetrando pelas janelas venezianas, denunciando as primeiras horas da manhã de domingo.

Leopoldo desperta, sentindo o desalento natural de quem não dormiu tranqüilo... Abatido, olha para Joan a seu lado, profundamente adormecida. Uma onda de carinho, mesclada de tristeza, enche seu coração ao vê-la assim, tão frágil,

no abandono de seu sono. E o acontecido da véspera, retorna à sua mente, tornando mais viva a mágoa que invade seu peito.

"Coitada... Deve ter sido muito dolorosa e difícil a conversa com a Danielle... Pela primeira vez vi balançar sua famosa fleuma inglesa... Nunca a vi chorar daquele jeito...Nunca! Ainda bem que o calmante surtiu bom efeito. Deve continuar dormindo por algum tempo ainda..." – e levantando bem devagar as cobertas, senta-se cautelosamente - " É melhor me levantar... Não agüento mais esta cama!"

Procurando não fazer barulho ele vai até a janela e entreabrindo-a observa o dia: "Hum... Manhã nublada, cinzenta... Que tempo tristonho! Tal qual estou me sentindo... Triste, muito triste... Mas, fazer o quê ?! Tenho que reagir! Afinal, tudo o que estou descobrindo com o Mendonça, se for verdade, dá um sentido aos fatos que estão ocorrendo... Mas, será mesmo ?! Aonde estará a realidade...? Ai, meu Deus! Esta dúvida me enlouquece!... Preciso parar de pensar tanto nisso!!! O melhor é colocar um abrigo e dar uma boa caminhada, para refazer as energias... É isso aí!"

E com o maior cuidado, evitando qualquer ruído, ele se dirige para o *closet*, afim de se vestir.

Após cinco voltas na calçada ao redor do condomínio, Leopoldo dá por terminada a caminhada. Suado, ofegante, pára em frente à banca de jornais próxima à entrada principal.

- Bom dia, Chico! Já chegaram os jornais do Rio e de São Paulo ?

Apanhando um exemplar de cada um, o jornaleiro os entrega para ele: - Aqui estão, doutor... Deseja mais alguma coisa ? Os da Capital não vão...?

- Não, obrigado Chico... Já foram entregues lá em casa.

Estendendo uma nota de dez reais, enquanto espera o troco, seu olhar corre distraído pela banca. Uns livros expostos na prateleira mais alta, despertam sua atenção: "Nossas vidas"... "Bate-papo com o Além"... "Nosso Lar"... "O Mundo em que eu vivo"... "As muitas vidas que vivi"... Com a curiosidade atiçada pelos sugestivos títulos, pega o último deles para folhear, perguntando muito admirado: - Chico, que novidade é essa ? Deste para vender livros também ?! Que livros são leste...?!

- São da religião Espírita... Coloquei eles aqui, porque minha mulher pediu. Eles contam que a gente continua vivo depois que morre... Mais ou menos assim!... Não sei bem... A Maria depois que deu pra freqüentar um Centro Espírita, passou a acreditar nessas estórias!

- E tu, não acreditas ?!

Entregando o troco para Leopoldo, o jornaleiro dá uma risada: - Eu não, Doutor!... Aonde já se viu, viver depois de morrer! Quanta bobagem... Se uma vida já é difícil de se agüentar, Doutor, imagina viver uma porção delas!... Deus me

livre! Mas numa coisa, a mulher *tá* certa... *Tô* vendendo bastante. Nunca pensei que essas estórias interessassem tanto!!!

- Pois vai vender mais um, Chico... Toma mais dez aqui! – e entregando outra nota para ele, sorri um tanto encabulado.

- O senhor...??? Um homem tão preparado...Quem diria!... – realmente surpreso, balançando a cabeça, devolve as moedas que sobraram.

- É, fiquei curioso... Fala para Dona Maria, que ela está certa. O assunto desperta mesmo o interesse - e, sorrindo, se despede - Tenhas um bom domingo, Chico!

Com os jornais embaixo do braço e o livro aberto nas mãos, lê a contracapa, caminhando lentamente em direção à portaria de seu prédio.

Apesar do dia se encontrar nublado, um mormaço quente convidava a um banho de piscina. Completamente abstraído do movimento à sua volta, Leopoldo, usando apenas um calção, lê atentamente o livro que comprara no início da manhã. Sobre a mesinha ao lado da espreguiçadeira em que ele se encontra deitado, os jornais ainda intocados permanecem esquecidos.

Andando atarefada de um lado para o outro, Joan vai preparando a mesa e tudo o mais necessário para o churrasco, na pérgula da piscina. Com os cabelos presos sobre a nuca, vestindo uma bermuda e um camisão solto sobre a mesma, mais parece irmã da própria filha.

Com uma aparência bem descontraída, Doralice esconde o maiô sob uma longa túnica indiana, que lhe favorece maior liberdade de movimentos. Enquanto vai cortando os temperos para o molho da carne, ela cantarola uma música sertaneja, na tentativa de disfarçar a ansiedade que está sentindo. Desde que acordara cedo, uma estranha sensação de medo se alojara em seu coração...

Subindo a escada, feliz e tensa ao mesmo tempo, Danielle, linda em seu maiô vermelho a lhe acentuar as formas perfeitas de seu corpo jovem, traz uma grande travessa de madeira, com a salada de maionese que acabara de preparar na cozinha.

- Veja, *vó*! Não está super apetitosa...?!

- Hum... *Tá* mesmo! – com um olhar maroto de cumplicidade, fala baixinho junto à neta - Já podes casar!

Ambas caem na risada e tão logo esta coloca a salada na geladeira, bem-humorada, vai ajudar a avó com os temperos.

Joan, preocupada com a demora do marido, aproxima-se dele, tentando tirá-lo de sua leitura:- Léo... A nossa parte já está pronta! Falta somente a tua... E eu não vou mexer na carne, isto é serviço teu! Anda logo... Venha!

- Já vou, querida... Estou só terminando esta página... Vou em seguida!

- Pelo visto este livro é por demais interessante... Nem os jornais tocaste ainda!...

Finalmente ele desprega os olhos da leitura e dirigindo-se a ela, comenta: - É interessante mesmo... Sabias que a reencarnação é aceita pelos povos orientais há muitos milênios...? Nós aqui no Ocidente é que não tivemos acesso a tais ensinamentos, que se tornaram ocultos durante a Idade Média. O poder vigente daquela época proibiu sua divulgação entre o povo, porque se este acreditasse na continuidade da vida, não temeria a morte e sendo assim, não seria fácil de ser dominado através do medo! Incrível, não é mesmo...? E somente há pouco tempo é que a civilização ocidental começou a se interessar por este assunto... Vide o nosso próprio exemplo!

Joan, já interessada, prestava atenção ao que ele dizia, mas antes que pudesse estabelecer um diálogo, Danielle se aproxima, ansiosa: - Pai... Venha de uma vez fazer o fogo e preparar a carne. O Gus não demora a chegar e nós só temos hoje para conversarmos! Amanhã terei que retornar à faculdade!... Venha, pai...

- Ela tem razão, Léo... Vamos lá!

Fechando o livro com pouca vontade, ele se levanta, acompanhando a ambas em direção à pérgula: - Certo... Não devo mesmo retardar o almoço. Vou me apressar!

Uns dez minutos depois se ouve a campainha da porta. Prontamente Danielle corre para a escada, descendo ligeiro para receber o Gustavo. Com o intuito de buscar a sobremesa na cozinha, Doralice segue atrás dela, perguntando para a nora: - Vou buscar a ambrosia... Tu precisas de mais alguma coisa, Jô ?!

- Não, obrigada... - entretanto, tão logo a sogra começa a descer os primeiros degraus, ela pede: - Ah, Dona Dora!... A farinha de mandioca! Me esqueci dela...

Parando na escada, esta gira o corpo para trás, apontando com o dedo para cima: - Eu já trouxe! Coloquei em cima da geladeira!... - e, volteando novamente para recomeçar a descida, tropeça na túnica e cai na escada, soltando um lancinante grito de dor.

Escutando-o, Joan e Leopoldo correm em seu socorro, gritando aflitos:

- Minha Nossa Senhora!!! O que aconteceu, Dona Dora ???

- Mãe!!!... Ai, meu Deus, ela rolou na escada!!!

Tomados de enorme angústia, os dois descem ligeiro para acudi-la. Gustavo que acabara de entrar na sala, acompanhado de Danielle, corre ao encontro de Leopoldo para ajudá-lo.

- Ó *vozinha*!... Está doendo muito...?! - tomada de aflição, a neta faz menção de abraçar a avó, no que é impedida pelo pai.

- Não, filha... Não toques nela! Preciso examiná-la primeiro!... - e dirigindo-se à esta, explica com carinho: - Mãe... Sei que deve estar doendo muito e qualquer movimento que fizeres, vai causar mais dor ainda... Mas, não tenho outro jeito, tenho que mexer em ti!

Com muito cuidado, ele examina-a minuciosamente, verificando aliviado que aparentemente, nada acontecera com as pernas, nem com a bacia ou coluna. Somente o braço direito, sobre o qual ela caíra, apresentava lesão. Comenta com o

Gustavo: - Acho que quebrou o úmero, ou talvez tenha apenas deslocado-o do lugar... Que te parece ?!

- Tenho esta mesma impressão... Vamos levantá-la com cuidado.

Com muita cautela, os dois erguem Doralice do chão que, procurando esconder a enorme dor que está sentindo, geme baixinho, fechando os olhos e contraindo as feições. Acomodando-a no sofá, Leopoldo pede ao outro: - Por favor, Gustavo... Cuida dela enquanto vou me trocar, para levá-la ao hospital! Jô, tu que estás vestida, telefona para o Klein. Pergunta se ele pode atendê-la agora... Eu não sei quem está de plantão!...

- Eu também vou me vestir!... Esperem por mim, que quero ir junto! - diz Danielle, dirigindo-se ligeiro para o quarto.

Em pouco tempo todos estão a caminho do hospital. Com o trânsito livre àquela hora de domingo, chegam a seu destino em vinte minutos, quase ao mesmo tempo que Arnaldo Klein. Solícito, este deixara uma feijoada para atender ao chamado do amigo.

Após tirar as radiografias, Doralice repousa na mesa de exames, acompanhada da nora e da neta, enquanto do outro lado da sala, Leopoldo e Gustavo examinam com o ortopedista, as chapas de Raios-X.

- Estou tão triste, *vó*... Como foi acontecer uma coisa desta contigo ?! Que judiaria !!!

- Que pena, Dona Dora!... A culpa foi minha! Se não tivesse chamado a senhora, nada disso teria acontecido...

- Que absurdo, minha filha... Não penses tolices! Eu é que sou uma desastrada, isto sim!!! Queria tanto ajudar a vocês e acabei por atrapalhar tudo... Bem que meu velho tinha razão! Deveria ter ficado em casa, assim não teria arrumado toda esta confusão!

- Não mesmo, Dona Dora! Não fala assim... Me faz sentir mais culpada ainda - fala a nora entristecida.

- Ora, *vozinha*... Foi uma tremenda falta de sorte! Pode acontecer com qualquer um. Vamos deixar de bobagens, tá...?!

Sorrindo confortada pelo carinho das duas, ela pergunta ansiosa: - Será que vão me engessar agora...?

Leopoldo que vinha se aproximando, nesse momento, procura tranqüilizá-la: - Não vai ser necessário, mãe... Tiveste muita sorte! Felizmente não houve nenhuma fratura grave... Foi uma luxação com deslocamento do ombro...

Ouvindo isso, satisfeita, ela o interrompe: - Graças a Deus!... Que alívio, meu filho!

- Porém, mãe... - retruca este, procurando esconder a própria apreensão - Existe um inconveniente, mas não fiques nervosa, porque é simples, nada de grave... Apenas vai ser preciso operar, para colocar o ombro no lugar.

- Operar, meu filho...?!!! Ai, meu Deus! Eu nunca me operei!...

- É uma cirurgia comum, mãe... Não é motivo para maiores preocupações! Podes ficar tranqüila... O Klein é um excelente ortopedista! Estarás em ótimas mãos!... E, além do mais, eu ficarei ao teu lado o tempo todo.

Tomada de medo, Doralice começa a chorar silenciosamente e enquanto o ortopedista começa a imobilizar o braço, vem à sua mente o pressentimento que sentira pela manhã, de que algo ruim estava para acontecer. Mais amedrontada, ainda, faz uma prece mentalmente, pedindo proteção. É a primeira vez que ela vai ser anestesiada... E o receio de morrer, invade seu coração...

No final da tarde a chuva começara a cair, prolongando-se até à noite, com pancadas esparsas. A temperatura baixara, fazia frio e o tempo úmido, tristonho, colaborava para que o ambiente hospitalar se tornasse mais depressivo.

Procurando amenizar a tristeza e a frustração causadas pelo acidente com a avó, Danielle sugere ao Gustavo irem jantar em um pequeno restaurante português, muito freqüentado pela excelente qualidade de sua comida.

"O Bigode de Meu Tio" estava lotado e eles só conseguiram uma pequena mesa, junto à janela. Conversam, enquanto saboreiam um delicioso "bacalhau na brasa", especialidade da casa. Olhando a chuva deslizando mansamente na vidraça, Danielle se recorda das lágrimas silenciosas da avó e sente o coração apertar-se com o sofrimento desta.

- Coitadinha da *vó*! Com aquele braço imobilizado... E o pior, ficar esperando até amanhã para ser operada!...

- Não sendo uma emergência, o mais prudente é fazer todos os exames necessários antes. Evita-se assim, surpresas durante a cirurgia!... Mas... E quanto a nós, querida... ? Agora, quando será que poderemos conversar com teus pais ?! Esta demora está me deixando numa ansiedade insuportável!

- A mim também... Mesmo porque, não sei se poderei ficar mais alguns dias ou se devo retornar a São Paulo em seguida à cirurgia da *vó*... Para termos uma conversa calma com eles, só quando ela voltar para casa. No hospital, não dá!

- Lógico que não! Não é o momento... – desanimado, ele olha pensativo para ela - Como tudo de repente ficou complicado... Bem que eu queria ter conversado com eles, assim que você chegou!

- Tens razão... A culpa foi minha! Mas agora, fazer o quê ?! Temos que esperar. Não tem outro jeito!

Ambos silenciam e, pensativos, vão terminando o jantar. Momentos depois, hesitante, Danielle volta a falar, como se medisse as palavras: - Gus... Tu te lembras de uma palestra que assistimos há uns três meses atrás... ? Lá no Centro de Pesquisas...? Acho que o nome da Doutora era Cristina... Cristina... Cristina Orsini! Lembras dela ?!

- Sim, lembro-me bem. Era uma psiquiatra recém chegada de Miami. Lembro-me bem, porque ela frisou de uma maneira enfática, que acabara de fazer três anos de residência no "Mount Sinai". E que aqui no Brasil, estava pretendendo difundir aquela tola teoria de "terapia através de vidas passadas". Mas... Por que está se lembrando disso agora...?

- Porque estou achando estranha a coincidência da *vó* ter deslocado justamente o braço, que no seu sonho, ultrapassava a porta tentando me ajudar... Então, de repente, me lembrei do que a Doutora Cristina falou, sobre não existirem coincidências. Todos os fatos têm relação entre si!...

- *Sem essa*, Dani!!! Não está querendo me dizer que agora está acreditando naquela palestra absurda!... Na ocasião você achou-a fora de propósito!

- Foi... Na ocasião não gostei e nem acreditei no que ela tentava nos explicar... Só que analisando o que aconteceu com a avó achei muito estranha a coincidência... E, sem querer, me lembrei das palavras dela! Tu não achas que têm algum sentido?! Será que não existe algo por trás desses acontecimentos todos ?!

- Querida... Por favor! Não fica enchendo sua cabeça com tamanha tolice! Sua avó sonhou, ou melhor, teve pesadelo porque estava com saudades de você... E deslocou o ombro porque caiu na escada! Não existe nada de extraordinário nisso... Absolutamente nada! Foi um mero acidente! Essa Doutora Orsini que me desculpe, não acredito na teoria dela! A psiquiatria, através da ciência, esclarece tais fatos considerados extra sensoriais.

Sentindo-se um tanto ridícula por ter imitido tal opinião, Danielle, percebendo o radicalismo de Gustavo, que começa a se irritar com a conversa, prefere mudar de assunto. Com um jeito amoroso, sorri para ele: - Querido, queres saber...?! Vamos deixar isso prá lá, é pura perda de tempo!... Melhor falarmos sobre nós... Eu te amo muito, muito!

- Eu também! – concordando satisfeito, retribui o sorriso com igual carinho - E estou aflito para me entender com o Leopoldo e a Joan! Foi pena, sob todos os aspectos, o que aconteceu hoje... Principalmente ficar separado de você por mais uma noite!

- Mas eu não posso deixar de dormir com a *vó* no hospital... Não é justo! Ela veio para ficar comigo e eu agora a abandono...?! Coitadinha, está morrendo de medo de ser operada... Mas já me decidi! Só voltarei para São Paulo depois de resolvida a nossa situação.

- E a faculdade, Dani...? Você não pode prejudicar os estudos! Isto me deixa preocupado.

- Não posso prejudicar é a nossa vida! Os estudos, faço um esforço extra e recupero o que perdi... O nosso casamento tem que estar em primeiro lugar!

- Minha querida... Meu amor! Eu também não quero esperar muito!

E totalmente esquecidos dos demais à sua volta, trocam um longo beijo apaixonado.

Deitada na mesa cirúrgica, Doralice vai sendo anestesiada. Leopoldo apenas vai assistir a operação, que será realizada pelo Dr. Klein. Tudo segue normalmente, sob total controle do cirurgião. Quando o anestésico começa a surtir efeito, Doralice se agita, mexendo com a cabeça e, inesperadamente, desata a chorar e a falar.

- *No, Charlie!... No... Please... Oh, my God!!! Please, Charlie!...*

Leopoldo leva um susto ao ouvir a mãe falando em inglês. Ela não conhece este idioma.... Sem entender o que está ocorrendo e preocupado com seu choro convulsivo, meio aturdido ele aproxima seu rosto ao dela, para ouvir melhor o que está dizendo tomada de enorme angústia.

- *Please, Charlie... You can't do this!!! She's our daughter... Don't... I beg you!!! A convent, oh, no! That's awful!!!... No!!!* – o choro vai diminuindo e sua voz tornando-se fraca, até que a anestesia apaga sua consciência completamente.

Olhando estarrecido para ela, Leopoldo totalmente atordoado, murmura: - Não é possível!... Como pode ser isso ?! Ela não fala nada em inglês!!! Ainda mais corretamente... Com um sotaque perfeito! Oh, meu Deus... Qual será a explicação para isso...?!

Apesar da surpresa geral com o ocorrido, a cirurgia prosseguiu normalmente. Leopoldo, ainda muito impressionado, acompanha-a absorto nos mais variados pensamentos.

Após uma noite insone, cansado e nervoso, Leopoldo se dirige às nove horas da manhã de terça-feira, ao consultório do psiquiatra. Tão logo toca a campainha, este que já o aguardava, abre a porta convidando-o a entrar, com um largo e simpático sorriso.

- Bom dia, Mendonça! Muito obrigado por me atenderes... – meio encabulado, troca um cordial abraço com o colega, se desculpando - Perdoa a minha insistência para vir ao teu consultório... Tenho consciência de que estou perturbando a tua rotina...Mas, para mim, os últimos acontecimentos se tornaram uma emergência!... Estou entrando em parafuso!!! Passei a noite em claro remoendo tudo o que ocorreu com a minha mãe e não consigo encontrar uma explicação lógica! Perdoa-me o abuso...

- Olhando compreensivo para ele, Mendonça procura deixá-lo mais à vontade: - Que abuso, Scheiner...? Não tem problema algum! Senta, amigo... Afinal de contas você sabe melhor do que eu que, nós médicos, devemos estar sempre disponíveis para emergências!

- Obrigado pela compreensão! Estou mesmo muito confuso... É uma surpresa atrás da outra! É como se eu estivesse montando um quebra-cabeça, cujas peças vão surgindo de repente... Preciso encaixá-las em seus devidos lugares, para que o quadro fique perfeito. E tenho medo que tal quadro seja imaginário!!! Estás me entendendo?! Preciso que tu me ajudes a montá-lo direito!

- É claro, meu amigo... Estou aqui para isso! Relaxe... Vamos ao sofá novamente.

Mais tranqüilo, relaxando totalmente corpo e mente, ele se entrega para mais uma viagem ao âmago de sua alma, em busca de lembranças passadas.

Leopoldo vai entrando no quarto, recém saído do banho. Ainda com o roupão atoalhado, ele se senta meio recostado, na poltrona frente à cama. Olhando para Joan deitada em um lânguido abandono, com os sedosos cabelos soltos sobre os travesseiros e vestida com um leve pijama cor-de-rosa, sorri comovido com o ar de garota que ela ainda conserva, apesar dos anos.

- Hum... Nada como um banho bem quente para se reanimar... Estava exausto!... Querida, como é bom te ver assim... Parece que o tempo não passou para ti!

- Seu bobo... Vais acabar me deixando convencida! Mas... Por que demoraste tanto no hospital ? Algum problema ?!

- Não... É que fiquei aguardando a Danielle voltar do passeio com o Gustavo. A mãe está ótima, graças a Deus. Deverá dar alta amanhã.

- Como ela está se recuperando ligeiro! Não é comum na idade dela... As enfermeiras se admiraram. Passou o dia muito bem, sem dar o menor trabalho para nós.

- Que bom! Também fiquei satisfeito da Danielle querer dormir outra vez com ela. Assim poderemos conversar com calma. Tenho muito a te contar!

- Pois é... Me deixaste curiosa o dia todo. Por que não comentaste nada sobre a consulta com o Mendonça...? Aconteceu algo ruim ?!

- Não... É que não quis falar no hospital! A mãe e a Danielle não devem tomar conhecimento ainda dessas coisas... Não ainda! É tudo tão fantástico que preciso de tempo para absorver tais conhecimentos.

- Então conta logo, que estou fervendo de curiosidade!!! Quero saber se existe alguma explicação plausível para o que aconteceu!...

- Bem... O Mendonça me explicou que o fato da mãe não saber falar inglês e, quando inconsciente usar este idioma, revela que ela teve uma existência na Inglaterra. E além do mais, o que ela disse e o sofrimento que demonstrou, têm relação com a cena que eu vivenciei, portanto comprova que ela estava lá naquela ocasião, comigo, a Danielle e o Gustavo.

- Mas isto é realmente impressionante!!! Então... Dona Dora foi mãe da Danielle e tua mulher naquele tempo...???!

- Exatamente... E o seu subconsciente fez com que ela viesse ao nosso encontro, para que pudesse ajudar Danielle e Gustavo. Ou seja, Marion e Paul, como eles se chamavam naquela época. Entendeste...?

- Entender, entendi... O difícil é acreditar! Mas... Pensando bem... Se isso tudo for real, então está explicada a ligação tão forte que existe entre ambas! E o acidente, não atrapalhou este reencontro...?!

- Isto é que é o mais espantoso, Jô!... O acidente foi necessário!

- Como assim...?! Não entendo...

- Porque nesta vida atual, à semelhança do passado, a mãe tem uma crença muito rígida, que não admite de forma alguma, a reencarnação. Ela, atualmente,

jamais admitiria uma conversa sobre isso. Assim, seu subconsciente forjou o acidente para que ela, inconsciente, pudesse se manifestar.

- Léo... É demais para mim!... Parece estória de ficção!!! – apesar de incrédula, uma curiosidade crescente faz com que ela queira saber mais: - E eu...?! Faço parte desse quadro ou sou nova na família ?!

- Mais ou menos... Já chego lá! Preciso te contar primeiro o que se passou nesta última regressão, para que tu possas ter a exata noção do drama que vivemos no início do século dezoito!

- Ainda tem mais...??? Outra volta ao passado ?!

Olhando para ela, Leopoldo respira fundo, buscando ânimo para prosseguir com o relato: - Sim... Retornei e novamente eu era Charlie... Aquele nobre inglês esnobe, tão orgulhoso de meu sangue azul, a ponto de repudiar a filha tão jovem e frágil, grávida de um neto meu... Sofri o resto daquela existência, pela maldade que cometi!...

Joan se surpreende e muito espantada o interrompe: - Mas... Espera aí! Como assim, a vida toda?!!! Tu não morreste caído na sarjeta daquela viela escura...?!

- Caí naquela viela sim... Mas apenas ferido! A bala não atingira o coração... O plebeu, vendo-me tombar ensangüentado, julgou-me morto e fugiu... Fiquei na sarjeta me esvaindo em sangue, desmaiado, até que um morador de uma daquelas casas me socorreu... Permaneci entre a vida e a morte durante muitos meses. E devido a uma pancada na cabeça, que levara ao cair sobre a pedra irregular do calçamento, fiquei desmemoriado, sem tomar conhecimento do que ocorria à minha volta!

Leopoldo faz uma pausa, com um olhar distante para Joan que, boquiaberta, absorvia cada palavra atentamente. Ansiosa para saber o final de toda esta trama, pressiona o marido insistindo: - E o que aconteceu com tua mulher e tua filha...? Ficaste sabendo...?!

- Sim... – ele retoma a narrativa um tanto cansado e deprimido, falando pausadamente: - Quando enfim recobrei a saúde e a memória, apesar de fraco, tentei voltar à minha vida normal... Angustiado pelo que fizera, procurei às escondidas saber notícias de minha filha e, horrorizado, soube que morrera de parto e o neto que repudiara, sobrevivera apenas um mês... Definhando de tristeza, minha mulher acabou morrendo pouco tempo depois! E eu me vi sozinho, desesperado... Destruíra minha vida, minha felicidade... Por orgulho, preconceito, egoísmo!... Mergulhado em remorsos, acabei enlouquecendo, ficando internado em um hospício até os últimos dias daquela existência! – emocionado com o próprio relato, revivendo outra vez tamanha emoção e sofrimento, ele se cala, com os olhos marejados de lágrimas.

Tomada de igual emoção, Joan permanece em silêncio por alguns momentos, temendo saber qual a sua participação em tal drama. Quando fala, sua voz é quase um murmúrio: - Querido... Que coisa horrível... Que tragédia!!! E eu, Léo... O que fiz no meio de tudo isso...?!

Inclinando-se para frente, na poltrona, Leopoldo traduzindo no olhar o grande amor que sente por ela, explica carinhosamente: - Tu, minha querida... Tu não fizeste nada! Me perdoa!... Foste aquela criança que perdeu a oportunidade de viver, por minha culpa!...

Atônita, num gesto repentino e brusco, ela se senta empertigada na cama, atirando as cobertas para o lado. Com os olhos arregalados de surpresa, demonstra incredulidade: - Eu... Léo... Fui o teu neto...??? Filho da Danielle ?! Incrível!!! Não posso imaginar uma coisa dessas!...

- Pois é... É difícil mesmo! Mas o Mendonça me explicou que através da eternidade, reencarnamos quantas vezes for necessário. Escolhendo as situações e as formas de vida que nos proporcionem reparar nossos erros, nos perdoando e nos compreendendo... Aprendendo a nos amar, uns aos outros!... Esta é a Lei Universal!... Portanto, querida... Se naquela existência eu não te dei a chance de viver e o amor que merecias... Hoje te amo profundamente!... Apaixonadamente!!!

- Querido... Eu também! – e com as lágrimas da emoção brotando em seus olhos, pensativa, ela analisa tudo o que acabara de ouvir, concluindo: - Léo... Então... Sob tais conhecimentos, não devemos impedir o casamento da Danielle com o Gustavo... Não é assim ?!

- Exatamente... Mas, a minha mente lógica ainda luta para aceitar tudo isso... Portanto, Jô, resolvi marcar para amanhã uma consulta com o Dr. Franklin Arruda.

- Quem é ele...? Outro psiquiatra ?!

- Sim... Porém dentro da linha conservadora da medicina... Preciso ouvir uma explicação científica, dentro dos padrões acadêmicos, pelos quais estudei! É de suma importância, para meu equilíbrio, analisar esses fatos à luz da ciência. Só assim poderei aceitar o novo, se eu achar que ele é real, defrontando-o com minhas convicções. Que te parece ?!

- Concordo, é certo!... Deves mesmo procurar elucidar esta situação, sob diversas pesquisas e estudos, para que através deles, possa encontrar a tua verdade. Para mim também é importante e pretendo fazer o mesmo.

- Que bom que pensas assim... Poderemos trocar idéias, estudar juntos!

- Mas... Verdade ou não... Não deixa de ser fascinante imaginar que iremos nos amar, por toda a eternidade, sob as mais diversas formas de vida... É mesmo emocionante pensar assim!... – e pulando da cama, sorridente, com um jeitinho brejeiro, vai se aninhar no colo do marido – Tu não achas...? E enquanto aguardamos a próxima vez, vamos aproveitar esta de agora, que é maravilhosa!!!

Rindo da sua maneira, achando graça, Leopoldo abraça-a fortemente e ambos, sentindo pulsar dentro de si o grande amor que os une, beijam-se apaixonadamente.

Tendo chegado a pouco do hospital, Doralice, com o braço imobilizado por um aparelho ortopédico, descansa recostada em uma poltrona. Sente-se deprimida e é com voz triste que se dirige ao filho e à nora, sentados à sua frente.

- Estou tão encabulada por ter causado todo este rebuliço... Estraguei o *feriadão* de vocês!

- Tolice, mãe!... Para de falar assim!... Nós é que estamos tristes por tu sofreres esta queda. Este braço vai te incomodar por um algum tempo!

Entrando na sala, vindo da cozinha, Danielle traz uma bandeja com biscoitos, cafezinho e suco de frutas, colocando-a em cima da mesa defronte ao sofá. Entregando um copo para a avó, senta junto a esta: - Toma *vozinha*... Fiz como tu gostas! É para tapear o estômago, até a hora do almoço. E tu, pai, aceitas um cafezinho...? – e estende para este uma xícara.

- Boa idéia, filha... Porque hoje não posso almoçar com vocês... Já estou até meio atrasado.

- Mas por que, Léo...?

Terminando de tomar o café, ele se levanta, colocando a xícara vazia na bandeja: - É que minha consulta com o Franklin é às onze horas e logo após tenho de ir ao banco fazer uns pagamentos... Mas não te preocupes, Jô, como qualquer coisa lá pelo centro - Apressado, ele beija a mãe, recomendando: - Deves repousar, como se continuasses no hospital, está bem...? Posso confiar na obediência de minha paciente querida ?!

- Deixa comigo, Léo... Vou controlá-la com rédeas curtas! – diz Jô sorrindo para a sogra e logo após se despedir do marido, se dirige para ela: - Vou ver o que a Corina está preparando para a senhora e assim... – comenta em tom de brincadeira - As duas poderão ficar um pouco livres de mim!... – e sai em direção à cozinha, deixando-as a sós.

Danielle, sentando-se ao lado de Doralice, fala baixinho: - Parece até que a mãe adivinhou o que eu queria... Quero muito te dizer uma coisa, *vó*! Quero que saibas que tu não atrapalhaste nada, *nadinha*... Ajudaste bastante, isso sim!...

Espantada, ela interrompe a neta: -- Como posso ter ajudado, filha, se só trouxe preocupação para todos ?!

- Ajudou sim!...Verdade!... Pena que a tua ajuda foi com tanto sofrimento... Mas sabes por que...?! A tua cirurgia desviou a atenção de cima de meu problema, dissolvendo a tensão nervosa que havia... Poderemos todos então, mais calmos, conversarmos hoje à noite! Tenho certeza que agora vai dar tudo certo!

- Se é assim, minha querida, fico *faceira*... Valeu o *sufoco*!!! Tu és um amor! – e com a mão livre, acaricia o braço da neta.

- Tu também és muito querida!... E meu coração está apertado, apertado... pela dor que tu sofreste! Adoro-te!!! – e ajeitando os cabelos dela, que se achavam um pouco despenteados, beija-a carinhosamente na testa. – Obrigada por ter vindo!

Sentindo-se consolada pelo carinho da neta, Doralice sorri comovida: - Minha *fofa*... Mas agora, me fazes um favor...? Me alcanças o telefone celular ? Quero falar com teu avô... Preciso avisá-lo de que já estou em casa. O coitado, de tão preocupado comigo, já telefonou duas vezes esta manhã. Ele queria vir hoje, mas está cheio de serviço na oficina...

É um belo consultório. Bons quadros e tapetes valorizam a requintada decoração. Pendurados na parede, posterior à mesa de consultas, estão expostos vários diplomas emoldurados. São comprovantes de cursos realizados no Brasil e no Exterior, que atestam o alto nível de conhecimentos do psiquiatra, ao longo de seus quase quarenta anos de profissão. Sobre a mesa de mogno maciço, agendas de couro lavrado, porta-papéis e porta-lápis em prata polida. Tudo muito bem organizado em seus devidos lugares. E um grande porta-retratos, com fotos da família, demonstra uma vida pessoal equilibrada.

Por trás da mesa, sentado em imponente cadeira de espaldar alto, estofada em couro, o Dr. Franklin vai chegando ao final da consulta com Leopoldo. Este, à sua frente, confortavelmente instalado em uma poltrona clássica, escuta atento a sua explanação.

- Olha, Scheiner, não existe outra forma de análise... Somente sob o ponto-de-vista científico, podemos compreender a vida! – e com um sorriso complacente, sintetiza sua teoria, reforçando-a: - Temos que olhar a vida à luz da lógica!... Vivemos em um mundo físico, material. Não podemos pautar nossas atitudes, nem buscarmos soluções para os nossos problemas, sob um enfoque espiritual, criando hipóteses sobre vidas passadas ou futuras... Isto poderá nos levar a entrar num mundo imaginário, perturbando o equilíbrio de nossas mentes !

- É o raciocínio lógico!

- Exatamente... Nossa mente é criativa e se vivermos dentro da lógica, manteremos o raciocínio lúcido e canalizaremos nossa criatividade para o progresso... O nosso próprio progresso e o do mundo em que vivemos. A vida real e objetiva!

- Tu respondeste muita coisa para mim, Franklin... Reafirmaste quase tudo o que aprendi, não apenas na faculdade, mas também em todos esses anos na minha clínica... Obrigado! Foi bom conversar contigo!

Terminando de prescrever a receita, entrega-a para Leopoldo, recomendando: - Toma esses remédios... Vão te ajudar a recuperar o equilíbrio emocional. Caso tenhas condições no momento, tira uns dias para uma pequena viagem... Estás realmente estressado!

Dando por encerada a consulta, o psiquiatra se levanta, no que é acompanhado por Leopoldo, que lhe estende a mão em despedida.

- Mais uma vez, muito obrigado. Foi de grande valia para mim... Até a próxima!

- Não há o que agradecer... Estarei te aguardando dentro de quinze dias. Até lá, penses bem em tudo o que conversamos! Se precisares de mim, podes me chamar... Mas acredito que com essa medicação e umas pequenas férias, ficarás bem em seguida!... - e correspondendo ao aperto de mão do colega, acompanha este até a porta.

Na varanda da suíte, sentada em uma espreguiçadeira, Joan espera Leopoldo para conversarem. Entre ansiosa e curiosa, querendo saber como ocorreu a consulta com o novo psiquiatra e o motivo que fez o marido demorar por tanto tempo no centro da cidade, procura se acalmar apreciando o cair da tarde.

Após um relaxante banho na banheira de hidro-massagem, ele está se vestindo. Sente-se bem mais calmo, porém ainda inseguro sobre como conduzir a conversa com Danielle e Gustavo, marcada para esta noite. Já pronto, saindo para a varanda, senta ao lado da mulher, pensativo.

Como ele permanecesse calado, esta não se contém e atropela-o com várias perguntas: - Então, querido... O que se passou desde que saíste pela manhã...? Algum sério problema?! Correu tudo bem com o Dr. Franklin...?! - ainda sem obter resposta, surpresa com o silêncio do marido, insiste: - Mas o que foi...? Por que não falas nada ?! Estás me deixando nervosa!

- Espera um pouco, querida... Estou colocando minhas idéias em ordem... Foi tanta explicação contraditória, que estou pensando por onde começar a contar...

- Então começa pelo Franklin, porque estou ansiosa para saber a opinião dele!

- Está bem, Jô... Vou começar pela sua consulta... A terapia que ele usa e a teoria que tem sobre o assunto, são totalmente opostas às do Mendonça. Ele fez minha cabeça girar 180 graus! Me fez relembrar as lições do Dr. Freitas na faculdade... Me senti, frente à ele, novamente como um aluno adolescente, envergonhado. Contestou tudo o que lhe falei... Enfim, me colocou à luz da lógica outra vez!

- E os sonhos, as regressões sob hipnose, o que ele achou...?!

- Que tudo não passou de imaginação minha... Frutos de minha mente estressada!

- Não é possível!!! Tu enxergaste tudo em tua mente! Vivenciaste através de tua consciência... Como ele pode dizer que isto não aconteceu...?!

- Ele não disse que isto não aconteceu... Explicou que quando estamos sob forte emoção, nossa mente é capaz de produzir um mundo de fantasia, para aliviar a tensão.

- Mas isto é o limiar da loucura!

- Pois é o risco que todos nós corremos, se não estivermos atentos aos primeiros sinais de tensão, de estresse, procurando de imediato um tratamento adequado, para manter o equilíbrio de nossas mentes.

- Mas, como ele explica o fato de Dona Dora, sob o efeito da anestesia, falar numa língua desconhecida para ela, formando frases coerentes...?!

- Bem...Que a mente é como um computador... Registra tudo que nos causa emoção, no nosso subconsciente. E a mãe, talvez há muitos anos atrás, tenha assistido a um filme ou a uma peça teatral... Ou presenciado algo semelhante à cena descrita por ela, ficando fortemente emocionada na ocasião... Anestesiada, num sono profundo, a cena gravada veio à memória.

- Ora, Léo... Não achas que é uma coincidência incrível, ela recordar uma cena igual a um fato descrito por ti, sob hipnose...?!

- Fiz esta mesma pergunta ao Franklin... Ele explicou que com certeza eu, ainda criança ou em gestação, participei da mesma cena que também ficou gravada no meu subconsciente. Nas sessões de hipnose, ela veio à minha lembrança! Faz um certo sentido, não achas...?

- Até pode ser... Entretanto continuo achando que é muita coincidência!

- Mas, Jô... À luz da lógica, coincidências existem!

- Olha, Léo... Queres saber de uma coisa...?! Tanto uma teoria, quanto a outra, me deixam muito confusa!!!

- Eu compreendo... Pois para mim também é difícil tomar uma posição frente à esta situação! Por um lado, a minha mente intuitiva aceita a teoria de vidas passadas influenciando nossas vidas atuais, criando a necessidade de resolvermos hoje, conflitos anteriores... Porém, a minha mente lógica discorda, pois tal teoria vai de encontro a tudo o que aprendi... Reforça, em mim, a tese de que conflitos são criados no decorrer de nossa existência e devem ser analisados e resolvidos à luz do raciocínio lógico!...

- É Léo... Pelo visto, estamos ambos caminhando em uma senóide! Francamente não sei como conversar daqui a pouco, com a Danielle e o Gustavo! E tu, a que conclusão chegaste...?!

- Ainda nenhuma, por enquanto... Mas deixa te contar o mais que me aconteceu! Ouça!... Quando saí do consultório do Franklin, estava me sentindo angustiado, ridículo, cheio de dúvidas e, como já passasse da meia hora, resolvi ir direto ao *shopping* almoçar. Logo após, quando me dirigia para a agencia bancária, passei frente a uma livraria. Em um canto da vitrine, um livro me atraiu... Daquela artista americana, Shirley Mac Laine, contando sobre sua busca espiritual... Sabes que ele acabou virando um *best-seller*, tal o interesse despertado...?

- Estou sabendo... - respondeu Joan, ansiosa, querendo abreviar detalhes - Já ouvi falar em seus livros. E, se não estou enganada, a TV exibiu um seriado, baseado em um deles. Mas, continua, deixa para falar sobre isso outra hora... Quero saber o que de mais importante aconteceu contigo!...

- Calma, querida... Isso também foi importante... Porque, ao comprar o livro, encontrei na contracapa, a seguinte frase, de grande significado para mim: "No dia em que os cientistas da Terra chegarem ao topo da Montanha, serão aplaudidos de pé por aqueles que através da Fé, lá chegaram antes deles". Algo que nos faz pensar, não é mesmo ?!

- Sim... Tens razão... – e pensativa, admite - Interessante encontrares tal conceito, em um momento de tantas explicações contraditórias...

- Pois é... Foi exatamente o que pensei!... E tão logo saí do banco, resolvi dar umas voltas de carro antes de voltar para casa, para refletir sobre tudo isso...

- Rodaste a tarde inteira... ?! Então saíste da cidade!...

- Não... Nem cheguei a andar muito. Foi algo incrível, surpreendente!... Escuta só!

- Meu Deus!... Tu estás te transformando em uma caixa de surpresas... Conta logo!

- Bem... Comecei a dirigir em direção à torre da TV, com a intenção de meditar, olhando a cidade de cima. Entrei casualmente, por engano, em uma rua transversal bem calma apesar da hora. Não havia me dado conta de que era uma rua sem saída, daí a tranqüilidade... Ao fazer a volta no final, para surpresa minha, me deparei com uma casa antiga, modesta, porém bem cuidada... No alto da parede frontal destacava-se uma placa redonda, pintada nas cores do arco-íris, com uma cruz bem simples em seu centro. Em letras azuis, estava escrito: Casa do Amor Cósmico. A porta de entrada estava entreaberta e tive uma sensação estranha... Era como se aquela porta me convidasse a entrar... – Leopoldo faz uma pausa, olhando para Joan, com certa preocupação - Não vais pensar que estou ficando louco... Mas foi isso que eu senti.

- Ainda não estou pensando... Mas, diga logo o que houve!... - fala, cada vez mais ansiosa.

- Num impulso, estacionei o carro e desci para bater palmas... Mas nem precisei... Um senhor de meia-idade surgiu por trás da casa e perguntando o que eu desejava, me convidou a entrar... À meu pedido, explicou o trabalho que exerciam ali. De auxílio espiritual... Então, de repente, sem sentir, me abri totalmente. Contei tudo o que estava se passando comigo...

- Tudo, Léo... Todos os detalhes...?!

- Sim... E após me ouvir calmamente, de uma maneira atenciosa, me deu uma longa explicação de acordo com sua crença. Dessa forma, ele achou que realmente eu tive lembranças de uma vida anterior, quando cometi muitos erros... E que agora, através do amor, estava tendo a oportunidade de repará-los!... Mais ou menos conforme me disse o Mendonça, só que mais além...

- Como assim...?!

- À luz de ensinamentos espirituais mais profundos, apreendemos que a humanidade é composta de espíritos ainda atrasados, em vários graus de evolução... Caminhando em uma grande jornada evolutiva, vivendo várias experiências de vida no plano físico, que é o básico, usando diferentes corpos, adequados às necessidades do aprendizado de cada um... Mais ou menos como tu pensaste uma vez, Jô... Nosso planeta é mesmo uma grande escola, onde cada aluno passa pelas provas necessárias à sua própria evolução. Porém, o ensinamento é único: O Amor!!! Amor Cósmico, Universal! A única energia capaz de transformar a humanidade para melhor! O amor dissolve conflitos passados e presentes, favorecendo assim, um futuro com maior progresso em todos os sentidos!

- "Amando-nos uns aos outros, conforme Jesus nos amou"... É isso ?!

- Exatamente... E nós passamos por todas as expressões do amor aqui na Terra... Materno, Filial, Fraterno, Paterno, Amor/Amizade, Amor/Paixão... Enfim... Dissolvemos desavenças passadas, na vida atual, sem necessariamente, vivermos outra vez situações exatamente iguais às anteriores. Podemos transmutar as formas

de amor...O importante é aprender a amar! Esta é a finalidade de vivermos na matéria densa, muitas e muitas vezes!

- Bem... Sob este prisma, situações difíceis e complicadas podem ser compreendidas... Mas, de que maneira se processa essa transmutação na forma de amar...?!

- O Irmão Joaquim... este é o nome do senhor que me atendeu... procurou me mostrar isso, explicando a transformação do Amor/Paixão em Amor/Materno/Filial, nesta minha vida atual, entre minha mãe e eu.

- De que maneira...? - pergunta Joan intrigada - Como ele pode saber o que se passou ?! Foi algum tipo de regressão ?

- Não... Foi diferente. Ele fez uma prece e se concentrou, chamando pela Corrente de Luz que dá assistência a seu trabalho espiritual. E através de sua mediunidade, recebeu uma mensagem, uma comunicação, de seu Guia.

- Uma explicação do Além...?! - espantada, com a curiosidade aumentada, ela se apressa em perguntar.

Sorrindo compreensivo, Leopoldo relata o que lhe transmitiu o médium: - Quando minha mãe foi minha esposa naquela época, eu não soube amá-la... Fui cruel, egoísta e a fiz sofrer muito, levando-a à uma morte prematura, como você já sabe... Mas por ser um espírito mais evoluído que o meu, no plano espiritual ela me perdoou. E após meu desencarne, em virtude dos meus erros, fui habitar um plano bem inferior ao dela. Lá, muito sofri ao compreender a dor que causara a ela e a nossa filha. Procurei assim trabalhar bastante para corrigir meus erros. Querendo me ajudar, ela quis reencarnar como minha mãe, para me ensinar a amar...

- Cada vez eu me surpreendo mais com o que estou aprendendo contigo! - fala Joan comovida.

- E acho que minha mãe conseguiu o seu intento!... Tenho hoje por ela um amor cheio de ternura e gratidão por tudo o que me ensinou nesta vida. Não te parece...?

- Claro que sim!...Mas, e o teu pai ?! Quem foi no passado...? O Irmão Joaquim contou algo também sobre ele ?

- Não... Mas explicou que como nos queremos bem, talvez ele tenha sido um amigo querido, ou simples conhecido... Possivelmente viemos juntos nesta existência para desenvolvermos laços de amor mais fortes. Porque em toda a família, assim ele me disse, se reúnem espíritos com dívidas a saldar e outros para desenvolverem um novo amor ou reforçar o amor já existente. Pois a meta é, um dia, toda a humanidade se amar igualmente em um plano de Luz, com vida evoluída...

- Nossa... Que longa jornada!

- É verdade... Milênios e milênios, não sei quantos... se fazem necessários para atingirmos a perfeição suprema. Entretanto, em relação à eternidade, talvez não seja muito!

- Só não entendo é por que já não fomos criados perfeitos! Precisava ser tão complicado...?!

- No dizer do Irmão Joaquim, fomos criados perfeitos, sim... Somos parte da Essência Divina. Só que, para termos a consciência da nossa perfeição, para desenvolvermos as qualidades divinas que herdamos de Nosso Pai, precisamos descobri-las por nós mesmos. Daí a necessidade desta jornada...

- Mas, é necessário tanto sofrimento..?! Tantos erros, tanta maldade e violência... Por que ?!

- Perguntei a mesma coisa e ele me respondeu que somos como crianças ainda imaturas e irresponsáveis, perante a espiritualidade. Sendo assim, erramos muito e são os nossos erros que ocasionam o sofrimento e o caos, até aprendermos a Sabedoria da Vida. E adquirirmos a consciência de que somos, realmente, Filhos de Deus...

Um tanto cansado, Leopoldo se cala pensativo, rememorando a conversa com o Irmão Joaquim e, Joan, meditando sobre tudo o que acabara de ouvir, segura a mão do marido acompanhando seu silêncio, sem se dar conta do adiantado da hora.

A tarde começava a declinar... O céu vermelho pelos raios de luz do sol poente, se refletia nas águas do Guaíba, salpicando-as de dourado, no deslizar tranqüilo de sua correnteza...

Só então, percebendo que o sol lentamente ia se aproximando do horizonte, num prenúncio de que o anoitecer não tardaria, Joan se assusta: - Léo... Daqui a pouco o Gustavo deverá estar chegando e nós ainda não sabemos que rumo dar à conversa com os dois!... O que estás pensando ?!

- Bem, querida... Estava analisando a situação por este novo prisma. Agora compreendo que os dois têm um Amor/Paixão não realizado no passado... Que precisa ser resolvido. Porém... O Irmão Joaquim disse que no caso deles, como houve da parte do Gustavo assassinato e ódio, ele criou para si uma grande dívida a resgatar, tornando assim mais difícil completar tal relação... A não ser que Danielle, em doação, tenha resolvido ajudá-lo neste resgate, aguardando no plano espiritual, o tempo necessário para que ele pudesse cumprir provas em sua nova jornada, antes do reencontro. Que certamente não poderia ser fácil.

- Daí então, se explica a grande diferença de idade entre eles, não é isso...?!

- Exatamente... Mas, de outra forma, este destino poderá também ser completado sem maiores sacrifícios.

- Como assim ?!!! – pergunta Joan, surpresa.- De que maneira...?

- Transmutando este Amor/Paixão em Amor/Amizade... O importante é que os dois se amem, sendo indiferente qual a forma... A finalidade é se amarem por toda a eternidade. Entendeste...? Ou não expliquei bem ?

- Explicaste sim... Mas veja se eu entendi! Hoje, no presente, se eles se amarem fraternalmente, poderão seguir vidas paralelas e ainda assim, reforçarem os laços de amor em nível de alma... É isso?!

- Sim, isto mesmo!... Mas para que tal aconteça de uma forma evolutiva, é preciso que eles escolham, por si mesmos, qual o melhor caminho a seguir. Qual a

forma de amor. Guiados pela própria intuição, sem interferência externa, com serenidade e compreensão. Caso contrário, não haverá evolução.

- Então não devemos interferir ?!

- Não... Mesmo porque, como a minha culpa, além de grande, foi o agente que desencadeou toda a tragédia, somente através do amor, do perdão, da compreensão e da humildade, poderá ser resgatada, colaborando para a harmonia deste reencontro.

- Então não podes fazer nada!...

- Posso fazer o certo, se aceitar a situação com compreensão e humildade. Como pai atento e amoroso, devo alertá-los para os prós e os contras deste casamento. Assim estarei ajudando a que eles analisem e escolham o próprio caminho sem precipitação, sem discussões ou brigas... Este é o ensinamento!

- Interessante e profunda esta teoria... Entretanto, difícil na sua prática! Como segurar o emocional...?! É preciso muita sabedoria espiritual para exercê-la!

- Tens razão, minha querida... Por isso pretendo me aprofundar mais nesses estudos esotéricos... E ficaria feliz se tu fizesses o mesmo. Porque uma coisa hoje eu aprendi. Sob esta luz, compreendemos melhor esta nossa vida caótica de tantos desencontros... Ouvindo o Irmão Joaquim, finalmente consegui encontrar a paz e o equilíbrio que me haviam fugido nestas últimas semanas...

Admirada com a serenidade recém recuperada pelo marido e a segurança com que ele relatou o que aprendera nessa tarde, Joan ergue os olhos para o Infinito, falando emocionada: - Em momentos como este, sentimos em nossos corações a presença de Deus com maior intensidade!... Se for mesmo verdade que estamos todos caminhando por este Cosmos afora... quantos mistérios temos ainda para desvendar entre o Céu e a Terra!... Quanto por aprender!

Leopoldo olhando-a com carinho, estende a mão para ela, convidando-a a se levantar: - Como sempre, meu amor, tens razão!... Vamos... A noite não demora a cair! O Gustavo deve estar chegando...

A vista que se descortina do amplo terraço da cobertura é realmente soberba... Ao longe, o Guaíba refletindo a beleza do sol poente, assemelha-se a um manancial de ouro líquido a enriquecer a paisagem.

Mansamente a noite vai descendo, à medida que o imenso sol vermelho incandescente, desaparecendo por trás da cidade, recorta os altos prédios em silhuetas negras, contra o céu matizado de rubro e dourado... Aos poucos as luzes nas janelas e nas ruas, alternadamente, vão se acendendo à semelhança das estrelas que, também surgindo aos poucos, brilham intensamente no manto azul profundo do céu quase noturno.

Envoltos pela magia desse belo anoitecer, Danielle e Gustavo com as mãos entrelaçadas, conversam com Doralice, sentados sob a pérgula da piscina.

- Adoro ver o pôr-do-sol aqui em Porto Alegre... Acho maravilhoso!... Parece que desce sobre a cidade uma aura de paz, aquietando a agitação do dia. É um momento que nos transmite tranqüilidade... Nos convida à meditação!...

- Realmente a Dani tem razão!... A senhora, Dona Dora, tem muita sensibilidade. O que acaba de falar, denuncia sua alma de artista.

- Eu não disse...? A *vó* é uma artista que não teve a chance de desenvolver a sua arte! - e expressando todo o amor que sente por esta, conclui: - A não ser a arte de amar... Nesta, ela é perita! Te adoro, *vozinha*!!!

Sorrindo, Doralice meneia a cabeça, contestando: - Ora, minha *fofa*... Tu me olhas com olhos de amor... Assim não vale! Tu também és muito sensível. Escolheste uma boa hora para conversarmos todos juntos. O anoitecer nos faz olhar para dentro de nós mesmos... Não concordas, Gustavo...?

- Realmente, Dona Dora... É um momento mágico que nos ajuda a abrir os corações...

- Facilitando um diálogo franco entre amigos... – completa Joan, que acabara de chegar. Estendendo a mão, fala cordialmente - Sejas bem-vindo, Gustavo!

Um tanto constrangido, evitando ainda olhar diretamente para este, Leopoldo se dirige primeiro à mãe: - Como te sentes...? Passou a dor ?!

- Sim filho... Estou muito bem! O remédio que me deste foi ótimo, fez efeito imediato.

Finalmente, esforçando-se para ser gentil e natural, ele faz um convite a Gustavo: - Que tal tomarmos um uísque...? Ajuda a relaxar...

- Bem lembrado... Acho que ambos estamos mesmo precisando... - e sorrindo também um pouco sem jeito, tenta desfazer o constrangimento entre eles, comentando, enquanto se dirigem para o bar - Esta cobertura de vocês é uma beleza! E decorada com muito bom gosto.

- Obrigado... Mas o mérito é da Joan. Foi ela quem planejou tudo, nos mínimos detalhes! - Leopoldo servindo a bebida, alcança o copo para ele.

- Parabéns, Joan!... - este fala com real admiração - Além de bonita, a decoração ficou muito aconchegante, com um certo toque londrino...

Lisonjeada, ela agradece. Servindo-se também de um Martini, convida aos demais para se sentarem junto a ela, iniciando uma conversa superficial. Entretanto é interrompida por Danielle que, ansiosa, não se contém e apressadamente resolve entrar logo no assunto primordial para todos.

- Tudo bem... É agradável conversarmos, porém, acho que já é hora de falarmos sobre o meu casamento com o Gus!... Afinal, não foi para isso que nos reunimos...?

Sentindo que uma irritação começava a tomar conta dela, Gustavo a interrompe: - Calma, querida... - e voltando-se para Leopoldo, que disfarçadamente olhava para ele com o canto dos olhos, inicia - Bem, a Dani está certa... Estamos aqui com esta finalidade, portanto não devemos demorar muito para expor o nosso desejo. - e colocando o copo quase vazio sobre a mesa central, faz uma pequena pausa com o intuito de disfarçar a ansiedade que ameaça embargar a sua

voz. Com certa dificuldade, encarando Joan e Leopoldo, continua - Bem... Acho que é visível que um forte amor está unindo a Dani e eu... Entretanto, sei que existem alguns obstáculos difíceis às nossas pretensões... A grande diferença de idade... O fato de que sou pai de dois filhos adolescentes, quase da mesma idade dela... Enfim... Sei que não sou o genro que vocês gostariam de ter!...

Com o nervosismo já bem acentuado, ele procura ganhar mais um tempo para se recompor, voltando a apanhar o copo e terminando o uísque num último gole. Sob um silêncio tenso, os demais aguardam que continue com sua explanação. Pigarreando, para disfarçar o receio de tocar no ponto mais sensível, prossegue: - *Hum-hum*... Fomos os três, colegas de faculdade. *Hum*... Fui namorado de infância e adolescência da Joan... Por tudo isso, compreendo o quanto deve ser difícil aceitarem a idéia da Dani se casar comigo! Se eu estivesse na situação de vocês, certamente pensaria da mesma maneira.

Ao ouvir as palavras de Gustavo, subitamente a antiga revolta toma conta de Leopoldo, trazendo à tona a indignação por tal situação. Fica preste a explodir. Contudo, por uma fração de segundos, assoma à sua mente o teor da conversa mantida com o Irmão Joaquim. Dominando o nervosismo, procura não deixar transparecer a luta que está sendo travada em seu íntimo e com voz controlada, retruca: - É lógico que gostaríamos que fosse diferente! Neste ponto concordamos os dois!... Seria preferível que Danielle estivesse apaixonada por um jovem de sua geração!... Mas, fazer o quê ?! Precisamos encarar o fato presente!

- É o que penso também! - concorda o outro, balançando o gelo no copo vazio esquecido em sua mão, para disfarçar a ansiedade - O que passou... passou! Eu não premeditei de forma alguma este acontecimento... Apaixonei-me por Dani à primeira vista, como se ainda fosse um adolescente! Não pretendia de forma alguma, pelo menos por um longo tempo, refazer minha vida sentimental... Principalmente com uma pessoa tão jovem! Lutei o que pude para abafar este amor dentro de mim, entretanto não consegui... Impossível sufocá-lo, sentindo que ela nutria por mim, igual sentimento, com a mesma intensidade!... Amo sua filha com um amor maduro, profundo... Sei que apesar de todos esses obstáculos, poderei fazê-la muito feliz! - e voltando-se para Danielle, segura com força a mão dela, num gesto de afirmação por tudo que acabara de dizer.

- Oh, pai!... - com os olhos marejados de lágrimas, emocionada, ela reforça a afirmação de Gustavo: - Eu amo realmente o Gus! Da mesma forma como sou amada por ele!... E tenho a certeza que juntos, seremos imensamente felizes! Mas... para que esta felicidade seja completa, é muito importante para nós, a aceitação de vocês dois!

Joan, que até então não se manifestara, apenas escutando e observando com atenção a atitude dos dois, levanta aproximando-se da filha. De pé ao seu lado, afaga carinhosamente sua cabeça e quando fala, sua voz está embargada pela emoção: - Nós sabemos disso, minha querida... Temos certeza de seu amor por nós! E da mesma forma também te amamos... Por isso nos preocupamos contigo,

desejando somente a tua felicidade! Acredito no amor do Gustavo... Não tenho dúvidas quanto a isso... Mas penso que temos muitos pontos a considerar...

- Mãe... - interrompe Danielle irritada - Já consideramos tudo! O que mais temos a discutir...?! Afinal, sou eu quem tem de resolver o que fazer da minha vida!

A forma um tanto agressiva de Danielle se expressar, faz retornar em Leopoldo, a usual incompatibilidade existente entre eles. Entretanto procura se dominar: - Filha, não reaja dessa forma!... Não tornes mais difícil o entendimento entre nós!... Como pais zelosos de tua felicidade, precisamos sim, tocar em alguns pontos... Os obstáculos aos quais Gustavo se referiu agora a pouco...

Exaltada, ela o interrompe: - Mas pai!!!... Tudo isso, o Gus e eu já resolvemos!... Não achas que cabe somente a nós dois, a decisão a tomar ?!!!

Fazendo um enorme esforço para não revidar com igual exaltação, Leopoldo se levanta, dando alguns passos para se controlar. Parando frente à filha, continua num tom carinhoso: - Procura me entender, filha!... Tua mãe e eu não somos contra o casamento de vocês, apenas achamos que não devem tomar uma atitude precipitada... Seria bom aguardarem um pouco!... Dar tempo ao tempo!

- Olha, pai... Eu não quero me desentender contigo!... – e mais irritada ainda, fala demonstrando inabalável decisão: - Mas eu não abro mão de viver a minha vida com o Gus... Isso nunca! Já me decidi, quer vocês queiram ou não!!! – contendo a custo as lágrimas que começam a brotar em seus olhos, ela se volta para Gustavo e segurando o braço deste, apoia a cabeça em seu ombro, como a pedir proteção.

Olhando os dois assim juntos, Leopoldo, sem querer, se recorda da regressão à vida passada. E um sentimento misto de arrependimento e compreensão, faz com que ele domine sua tendência à irritação e prepotência, ponderando com tranqüilidade: - Eu sei, filha... Eu compreendo o que estás sentindo... Acredito que ambos estejam realmente apaixonados... Mas estou pedindo um tempo, para que vocês possam avaliar se é realmente amor ou paixão... Pode ser...

De súbito, levantando a cabeça num ímpeto de revolta, ela interrompe novamente o pai, exclamando: - Eu não acredito no que estou ouvindo!!!... Tu não consegues ver que nós nos amamos de verdade...???! Eu sabia que isto ia acontecer!... Tu nunca me entendeste!!! - indignada, começa a chorar, deixando as lágrimas correrem livremente e retirando o braço com que se apoiava em Gustavo, se levanta da cadeira com a intenção de ir embora dali.

Este, rapidamente também se ergue. Segurando-a pela mão, procura acalmá-la, falando num tom compreensivo: - Dani, querida... Deixa seu pai falar... Ele tem o direito de dizer o que pensa! De aceitar ou não o que pretendemos! - com carinho abraça-a, apertando-a de encontro ao peito, como a protegê-la.

- Estás vendo, Gustavo...? – dirige-se Leopoldo a este, observando: - Tu não falaste agora com o ímpeto de um jovem apaixonado... Falaste com a ponderação de um homem maduro, pai de adolescentes... Esta é a diferença! Quando a paixão for perdendo a intensidade com o correr do tempo, o que é natural... haverá entre

vocês o choque das gerações, como ocorre entre pais e filhos! Será a juventude de Danielle em oposição à tua maturidade! Não é lógico o que estou afirmando ?!

Antes mesmo que ele possa responder, Danielle desprende-se dele e, chorando com mais intensidade, volta-se para a mãe: - Mãe... O pai nunca vai me compreender!!! Por que, mãe...? Por que tem que ser assim ???! Mas tu me entendes, não é, mãe...?!

Procurando consolá-la, Joan segura de leve o queixo da filha, fazendo com que ela levante a cabeça. Olhando-a com amor, bem dentro de seus olhos, fala pausadamente: - Não chores, minha querida... Ouça com calma e atenção!... Tenho que concordar com teu pai... É coerente o que ele está expondo!...

- Mas, tu também...?! – se desvencilhando, revoltada, retruca: – Não esperava isso de ti! - e voltando-se para a avó, que a tudo assistia aflita mas sem interferir, exclama indignada por entre os soluços - *Tá* vendo, *vó*...? Eles não me entendem!!! Só tu mesmo, *vozinha!* Só tu mesmo!!!

- Calma minha querida... - responde esta angustiada - Ouça com calma a opinião deles, meu amor!... Depois tu decides o que fazer!... Eles te amam... - e levantando-se, aconchega a neta em seus braços.

Tentando segurar a própria aflição, Joan se expressa com carinho: - Escuta, filha... Procura entender... Teu pai não está criando empecilhos ao teu casamento com o Gustavo... Nós dois estamos apenas te alertando para que não tomes uma decisão precipitada... Tu és muito jovem ainda... Eu sei que o Gustavo irá compreender o que estamos tentando expor... Achamos que o melhor para ti, para ambos, é dar tempo ao tempo, para terem a certeza de que esta união é o caminho certo para encontrarem a felicidade que vocês almejam.

Parando de chorar, Danielle afirma com segurança: - Porém, mãe... Eu tenho plena certeza de que o melhor para mim é o casamento com o Gus!!! – e, mais calma, pergunta para este, confiante em seu apoio: - Tu também não concordas que é o melhor para nós dois ?!

- É o que nós achamos e desejamos, querida... Mas temos que entender a posição de seus pais... Estão visando apenas a sua felicidade, por amor a você. Não fique revoltada... Vamos mostrar com calma o nosso projeto de vida, para que eles se tranqüilizem com relação à intenção de seguirmos juntos, com verdadeiro amor e seriedade, um mesmo caminho. Afinal, nos reunimos hoje, aqui, com o propósito de nos entendermos e não de discutirmos. Não é verdade...?

Tomado de surpresa com a atitude de Gustavo, Leopoldo olha para este admirado. E sem sentir, contrariando sua intenção de não dar conhecimento ainda à família sobre os ensinamentos recém adquiridos, começa a expor com tranqüilidade seu novo pensamento: - Bem... Ultimamente, por motivos inesperados, alguns deles do conhecimento de todos, tenho procurado compreender a vida sob a Luz da espiritualidade... E, sob esta nova ótica para mim, admito que este amor entre vocês dois seja verdadeiro e que tenha raízes em uma outra vida passada!... Porém me pergunto: Será que ambos não reencarnaram com tanta diferença de idade, para poderem nesta vida atual fortalecer este amor através de

outra forma...? Uma forma fraternal, desenvolvendo um profundo Amor/Amizade...?!

Danielle e Gustavo se entreolham tomados de assombro e, muito admirados, questionam quase ao mesmo tempo.

- Como assim, pai...?! Não estou entendendo o que tu estás dizendo!!!

- O que quer dizer com isso, Leopoldo...???! Não compreendo seu raciocínio e nem entendo suas palavras... Não vejo nelas nenhuma lógica!!! Não vai me dizer que agora deu para acreditar na absurda teoria da reencarnação!.. O Mendonça convenceu você... Estou pasmo!!!

- Já imaginava, Gustavo, que esta seria a tua reação quando descobrisses meu novo pensamento!... Esperava por isso... Mas, a vida é uma evolução contínua. Precisamos estar abertos ao Novo! - e com uma calma que ele mesmo desconhecia possuir, Leopoldo prossegue a sua explanação - Estou acreditando na reencarnação, sim!... Que todos nós estamos caminhando através da eternidade, em uma grande jornada evolutiva. Vivendo muitas experiências de vida no plano Físico/Material, para nos aperfeiçoarmos... Principalmente para aprendermos a amar! Amarmos uns aos outros... E para que este amor se torne perfeito, precisamos experimentá-lo em todas as suas formas, em diferentes existências!... Por isso peço a vocês que analisem com calma seu sentimento de amor, para terem a certeza de que o casamento é o caminho certo para ambos!

De tão aturdidos com o que acabaram de ouvir, Danielle e Gustavo permanecem calados, trocando um olhar de espanto, como se perguntando o que deveriam responder... E antes que pudessem se manifestar, Doralice, igualmente admirada e confusa, dirige-se ao filho.

- Filho... Nunca ouvi em toda a minha vida, nada igual! Que maneira mais estranha inventaste agora, para explicar a vida! Até parece estória de novela da TV... Se eu contasse isso para o pastor Josué, lá na minha igreja, ele iria dizer que era coisa do demônio!...

- Ora, mãe!... Tu não precisas falar nada, para ninguém!... Fica só entre nós! Não quero é que tu te perturbes com o que expliquei...

- Estou muito perturbada, sim!... Mas não com o que falastes... Porém, com o que eu senti enquanto tu falavas!!!

- Mas, o que de tão estranho a senhora sentiu, Dona Dora...?! Conta para nós! – pede Joan, já bastante curiosa.

- Vocês vão pensar que eu estou ficando louca!... Até mesmo eu estou achando isso!... - com expressão aflita, ela pergunta ao filho: - Será que a anestesia da operação mexe com a cabeça da gente...?!

Leopoldo, trocando um olhar interrogativo com Joan, insiste com Doralice: - Tolice, mãe... A anestesia não causa nenhuma seqüela... Vamos, diga logo o que aconteceu!

- Bem... Quando tu começaste a falar, filho, fiquei indignada!...Achei tudo tão absurdo e já ia te contestar, quando então... De repente... Comecei a sentir um calor me afogueando e fui ficando calma, calma... Com uma estranha sensação de

profunda paz! E aí, então... Aconteceu o mais esquisito!... – ela faz uma pausa, com receio do que os outros pudessem pensar sobre ela.

- *Vó*... Conta logo!... Adoro as suas estórias!... – pede Danielle, sorrindo.

- Bem... Eu ouvi... Ouvi, sim!... Uma voz dentro de mim, dizendo: "Missão cumprida!"... Vocês podem acreditar ?! Que coisa mais estranha, não é mesmo...? Parece loucura!!!

Leopoldo e Joan se entreolham aliviados, com uma expressão de mútua compreensão. Sorrindo, ele responde à mãe: - Não, não é loucura, mãe... É uma longa estória, um tanto complicada para explicar agora. Em um outro dia talvez... Mas, se todos se interessarem em conhecer o que aprendi nestas últimas semanas, eu posso contar! Garanto que é muito interessante!

- Então vamos, lá!... - diz Gustavo, já com o interesse despertado pelo assunto - Posso até duvidar e não acreditar no que vai nos contar. Mas, certamente, poderá ser gerada uma curiosa polêmica!

A noite já havia descido e o manto escuro do céu noturno, pontilhado de refulgentes estrelas brilhantes, cobria a cidade proporcionando uma agradável sensação de paz...

Tranqüilo, satisfeito consigo mesmo, Leopoldo vai acender o lampião. A meia claridade deste se espalha por sobre o bem cuidado jardim suspenso, tornando o ambiente mais aconchegante e propício para uma conversa que prometia se alongar por um bom período de tempo.

Por quase uma hora, com segurança e calma, Leopoldo expôs seu recente aprendizado. Porém omitiu suas regressões às vidas passadas, sentindo que era ainda prematuro esse tipo de revelação. E ao contrário do que ele esperava, Gustavo não interrompeu a sua narrativa em nenhum momento. No início este apenas olhava-o com um ligeiro sorriso céptico, mas à medida que Leopoldo ia relatando os fatos, sua fisionomia foi se tornando séria. Danielle, de mãos dadas com ele, bebia as palavras do pai, estupefata com seus novos conhecimentos. Enquanto Doralice angustiada, trocava de posição na cadeira, inquieta o tempo todo e tão logo Leopoldo terminou de falar, ela foi a primeira a se manifestar.

- Filho... Apesar de ser uma teoria totalmente nova para mim, acho que existe uma certa lógica em tudo o que acabaste de expor, mas... Como fica a minha religião, e tudo o mais que aprendi e sempre acreditei...?!

Sorrindo, Leopoldo a tranqüiliza: - Não tenhas receio, mãe... Esta teoria nada tem de conflitante com as religiões. Ela nos ensina o mesmo que as outras: O amor a Deus e a necessidade de corrigirmos os nossos defeitos, vivendo direcionados para o Bem!...

- Sim, mas de uma forma diferente... - insiste ela - Tu destes a entender que somos nós que criamos o inferno e o paraíso de acordo com a nossa vontade! Não é isso?!

- Sim... Aí está a diferença! Essa teoria nos faz despertar a consciência para uma visão mais ampla da vida. Acreditando na sua continuidade, temos a

oportunidade de nos corrigirmos, escolhendo a maneira que melhor nos proporcione a reparação de nossos erros. Deus não criou o inferno... Este é resultado dos nossos erros! Deus não nos castiga! Ele é Amor!... Ao nosso Criador interessa apenas que as Suas criaturas despertem em si as qualidades Divinas que existem adormecidas dentro de cada uma por Herança Paterna!

- Sabe, filho... Tuas palavras estão despertando em mim o desejo de me aprofundar nesses conhecimentos... Afinal, podemos estudar e aprender enquanto vivermos, não é mesmo ?!

- Muito bem, Dona Dora! Falou agora a professora! - responde Leopoldo satisfeito.

- E assim, teu pai não precisa mais reclamar de que eu não tenho nada o que fazer! É isso!...Vou voltar a estudar! - exclama rindo - Só não posso contar nada, nada sobre essas coisas para o Pastor! Senão...

Leopoldo, rindo, abraça-a com carinho: - Tudo bem... É um segredo entre nós! - e volta-se já sério para Gustavo que permanecia calado. Tanto este quanto Danielle estavam meditativos, apenas observando a reação de Doralice. Com um gesto amistoso, Leopoldo coloca a mão no ombro do antigo rival, falando pausadamente: - Acho Gustavo... Que é hora de dissolvermos as mágoas antigas... As desta vida atual são nossas velhas conhecidas, portanto fáceis de serem dissolvidas... Outras de um passado mais remoto, que eu tive a oportunidade de tomar conhecimento, acho que não é o momento oportuno para serem esclarecidas... Um dia talvez... Contudo... Através do nosso desejo de vivermos com harmonia o nosso presente, elas podem desaparecer...

Apanhado de surpresa, Gustavo expõe também de uma forma pausada o seu pensamento: - Concordo com você que é hora de apararmos arestas... Procurar nos tornarmos amigos de verdade... Sob todos os pontos de vista isso é muito importante!... Quanto a fatos acontecidos em prováveis vidas passadas, não consigo ainda Leopoldo, aceitar tal teoria!... Apesar de você tê-la explanado com convicção e seriedade, não posso passar a acreditar de uma hora para outra, em algo que nunca admiti existir!... Entretanto penso como Dona Doralice. Vou procurar estudar este assunto... - e olhando firme, diretamente nos olhos de Leopoldo, ele afirma com convicção - Mas quanto ao meu casamento com a Dani, não pretendo desistir dele! A não ser que ela assim o queira...

Danielle assustada, exclama: - Eu desistir...? Nunca!!! Se já havia desconfiado de que o nosso amor tinha raízes no passado, agora, depois das explicações do pai reforço a minha intuição! Acho mesmo, Gus, que há muito, muito tempo, que nos amamos!...

Comovido, este a abraça confirmando: - Se é antigo não sei, querida... Mas que é um amor forte e profundo, disso tenho a certeza!... E eu não pretendo abrir mão dele! Nunca!... Entretanto... Precisamos encontrar uma solução conciliatória... Portanto vou propor a você e aos seus pais, Dani, o seguinte...

- Propor o quê...?! - ela o interrompe amedrontada - Não vamos mudar os nossos planos, não é...?

- Mudar, não... Adiar!

- Adiar...?! Como assim, adiar...???

- Por favor, minha querida... Ouça com atenção o que vou propor. No momento você não pode pedir transferência da faculdade de São Paulo para aqui. Recém iniciou o segundo semestre... Assim, vamos aguardar o término deste, para que você possa conseguir uma transferência para uma faculdade daqui de Porto Alegre. Conseguindo, casamos em seguida!... Acho que dessa maneira daremos a seus pais um tempo como eles estão pedindo... Concorda comigo ?

- Mas eu não pretendo esperar!... É claro que não vou deixar a faculdade... Nem pensei nisso, tu bem sabes... Mas por que não posso casar agora e esperar casada até o fim do ano para vivermos juntos...?!

Joan que até então não interferira, responde à filha com suavidade: - Porque o Gustavo tem razão, querida... Como ele expôs, tu terás tempo, ao ficar um pouco distante dele, para testar e avaliar seus verdadeiros sentimentos. E o mesmo ocorrerá com ele.

- Mas isto é um absurdo!... Eu sei o que eu quero!... Eu e o Gus!!! - ela discorda já com a voz tremendo, tentando segurar o choro que ameaça a explodir.

- Filha... O que o Gustavo está propondo denota amor por ti!... Ele quer que tu tenhas inabalável convicção sobre a tua escolha. - e virando-se para este externa seu pensamento - Subiste no meu conceito, Gustavo... Vejo que realmente desejas fazê-la feliz!

- Isto é prioritário para mim!... - e apertando Danielle com mais força em seus braços, beija-a no rosto - Nós vamos realizar o que desejamos e seremos muito felizes... Eu lhe prometo, querida!

Consolada, ela se aninha em seu abraço e dirige-se aos pais com um tímido sorriso: - *Tá* bem... Vocês venceram!... Não se fala mais em casamento... - e olhando de um jeito maroto para Gustavo, conclue - Mas só até o fim do ano!!!

Aliviados, os pais reagem alegremente.

- Bem... Vamos fazer um brinde para comemorar este noivado! - diz Joan sorrindo - À moda antiga!!!

- Então vamos abrir um champanhe! - concorda Leopoldo dirigindo-se para a escada, com a intenção de buscar uma garrafa na pequena adega próxima à cozinha.

Gustavo desprendendo-se de Danielle, intercepta-o: - Um momento, Leopoldo! Antes quero lhe pedir um favor! Acho que existe um outro porém para ser resolvido...

Surpreso, este pergunta: - Mais um porém...?

- Sim!... Quero lhe pedir que retorne à Equipe!... Todos estão sentindo a sua falta e muito preocupados com você. Um cirurgião da sua competência, não deve abdicar de seu trabalho! - e com humildade, arremata - Me perdoa se feri seus sentimentos na reunião com o Maciel. Reconheço que fui precipitado... E também... Eu preciso da sua assistência a meu lado!

Leopoldo é tomado de forte emoção: - Isto para mim é um grande elogio... Mas igualmente tenho que te pedir desculpas... Se eu não estivesse com prevenção à teu respeito, teria percebido que não havia intenção da tua parte em me prejudicar...

Sorrindo, Gustavo estende a mão para ele num cumprimento amigável: - Brindaremos também ao início de uma compreensão entre nós que certamente deverá propiciar uma bela amizade...

Ainda um tanto relutante, Leopoldo confirma: - Bem... Aceito o teu pedido... Retornarei à Equipe! - e dirigindo-se a Joan que apreciava emocionada o entendimento entre os dois, fala misterioso - Retornarei... Porém com uma condição!... Jô terá que dispensar seus pacientes por quinze dias e sair comigo para uma nova lua-de-mel!... Que tal a Itália, querida...?!

- Namorar passeando de gôndola em Veneza...? Excelente, meu amor! - e soltando uma risada cheia de cumplicidade, complementa - Mas Inglaterra nem pensar... Bem longe dela!!!

Rindo descontraído, Leopoldo vai em busca do champanhe, enquanto Joan apanha as taças de cristal.

Um alegre brinde acontece então...

E Doralice após sorver ligeiro o espumante vinho doce, estende a taça vazia para o filho: - Serve mais uma, Leopoldo... Agora é pelo teu pai! Sinto muito ele não estar participando desta comemoração!

- *Vó*!!! - exclama rindo Danielle - Que desculpa, *hein*...? Botando a culpa no *Vô*!

Com uma gargalhada alegre, esta fala feliz: - Não é todo dia que se pode comemorar tanta alegria!...

Porém, ao levantar a taça para brindar mais uma vez, Doralice pára e, em silêncio com uma expressão de espanto, fica a olhar ao longe...

Danielle se preocupa: - *Vó*... Está se sentindo mal ???!

Doralice não responde e a neta aflita, volta a perguntar: - *Vó*, o que está acontecendo...? Fala comigo!!!

Aturdida a avó olha para ela, quase murmurando: - Acho que a mistura do champanhe com os remédios perturbou a minha cabeça!...

- Como assim, *vozinha*... ?!

- Não sei, querida... Foi algo muito estranho!...

Todos se voltam para ela, apreensivos.

- O que está se passando, mãe...?

- O que aconteceu, Dona Dora ?! - pergunta a nora, acercando-se dela.

Somente Gustavo nada diz. Apenas observa curioso.

Doralice, confusa, procura explicar em detalhes o que se passou com ela, naquela fração de segundos: - Bem... Quando eu levantei a taça, fiquei tonta... Fechei então os olhos para me equilibrar... Quando os abri, minha mão não estava mais segurando-a... Mas sim torcendo a maçaneta daquela porta do meu sonho... Firmei o olhar e, como num quadro, a porta foi diminuindo de tamanho e eu vi que

ela dava entrada para um velho mosteiro de pedras escuras... Tornei a fechar os olhos e quando voltei a abri-los, uma linda luz violácea, brilhante, envolveu toda aquela visão, fazendo desaparecer tudo, como se fosse uma nuvem de fumaça... E como num passe de mágica, novamente a taça estava na minha mão!... E então... Uma voz falou dentro de mim...

Nesse ponto ela pára a narrativa, temerosa da reação de todos.

- Falou o quê, Vó...?! Continua!... - pede Danielle admirada.

Como os demais permanecessem calados, olhando-a com credulidade, ela se enche de coragem, concluindo: - "A energia negativa se desfez, apagando as marcas do passado!"... Não é estranho...?! Foi tão rápido e tão esquisito! - e soltando um suspiro, coloca a taça cheia em cima da mesa, comentando pesarosa - Que pena... Eu não devo beber mais... Aliás, nunca me dei bem com bebida!!!

FIM

MARIZA BANDARRA